

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA  
CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

ALEX SANDRO LEAL

**BIBLIOCAUSTO:** A QUEIMA DOS LIVROS PELOS NAZISTAS  
DURANTE O GOVERNO DE HITLER NO ANO DE 1933.

TERESINA-PI

2018

ALEX SANDRO LEAL

**BIBLIOCAUSTO: A QUEIMA DOS LIVROS PELOS NAZISTAS  
DURANTE O GOVERNO DE HITLER NO ANO DE 1933.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Univerdade Estadual do Piauí  
(UESPI), como pré-requisito para a obtenção  
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof. Esp. Francisco  
Renato Sampaio da Silva.

Teresina

2018

Leal, Alex Sandro.

L435b      **Bibliocausto:** a queima dos livros pelos nazistas durante o governo de Hitler no ano de 1933. / Alex Sandro Leal. - 2017.

87 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – em bacharelado em biblioteconomia. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Teresina, 2017.

Orientador: Francisco Renato Sampaio da Silva

1. Bibliocausto. 2. Queima de livros. 3. Nazismo. 4. Censura. Biblioteconomia (TCC). I. Silva, Francisco Renato Sampaio da II. Universidade Estadual do Piauí. III. Título.

CDD. 089

ALEX SANDRO LEAL

**BIBLIOCAUSTO: A QUEIMA DOS LIVROS PELOS NAZISTAS  
DURANTE O GOVERNO DE HITLER NO ANO DE 1933.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado a Univerdade Estadual do Piauí  
(UESPI), como pré-requisito para a obtenção  
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Teresina, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Esp. Francisco Renato Sampaio da Silva. (UESPI)  
(orientador)

---

Prof. Ms. Mirleno Lívio Monteiro (UESPI)  
Examinador

---

Prof. Ms. Cláudio Rodrigues Melo (UESPI)  
Examinador

## DEDICÁTÓRIA

À minha mãe, Maria do Socorro,  
que veio a falecer no ano de 2017, um ano  
antes de minha defesa e formatura, esta  
conquista é para a Senhora.

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre devemos primeiramente agradecer a Deus, sem ele nossas conquistas são em vão, mas abaixo dele devo agradecimentos a muitas pessoas.

Agradeço a minha mãe, por sempre acreditar em mim e me tornar o homem responsável que sou hoje, e onde ela estiver, sei que estará orgulhosa de mim.

Agradeço a Juliana Maria, uma parceira fiel, que foi a responsável direta pelo tema desta monografia, ao me presentear com um livro que me instigou a estudar o bibliocausto.

Não posso esquecer-me de agradecer a dona Lili, dona da lanchonete da UESPI, que confiou em mim e abriu um crediário para que eu pudesse me alimentar em momentos difíceis para pagar depois.

À UESPI que me acolheu durante 5 anos, e me propiciou maravilhosas experiências e conhecimentos.

Aos meus colegas de curso, com quem fiz ótimas amizades.

Aos meus Professores, de quem conhecimentos para toda vida.

À professora Debora Teixeira, que foi mais que uma professora, foi minha amiga, ajudando-me em momentos difíceis em minha vida pessoal e acadêmica.

Aos meus familiares, que me apoiaram em várias etapas dessa graduação

E aos meus amigos, que foram tantos, aos longo de estágios e empregos, destacando minha amiga Marcia Pereira, pessoa altamente magnânima, tanto profissional quanto pessoalmente

## EPÍGRAFE

*“Só lutamos por aquilo que amamos, só amamos aquilo que respeitamos e só respeitamos aquilo que conhecemos”*

Adolf Hitler (1945)

## RESUMO

Este trabalho explora e estuda o bibliocausto, que foi a queima de livros pelos nazistas durante o governo de Hitler, no ano de 1933. Seus resultados foram obtidos pelo método de pesquisa bibliográfica, e também pelo EQ, Estudo da Questão. No presente trabalho foi abordado sobre a criação do livro Mein Kampf, autobiografia de Hitler, que incitava o ódio e o antissemitismo, e sua massiva distribuição para os cidadãos alemães. Descreve como este livro ajudou na propaganda contra os judeus e outros imigrantes, aliados a outros meios de comunicação, ajudando na censura de vários meios culturais que não fossem de origem alemães. Fala sobre a criação do movimento estudantil hitleriano, que foram os maiores responsáveis pelo evento das queimas dos livros, e suas campanhas para a coleta de livros censurados, que deu origem a palavra bibliocausto. Aponta como foram essas queimadas e seus ideais, em que quais cidades houve queimadas. Destaca as ações dos bibliotecários norte-americanos em promoverem campanhas de arrecadações de livros para “alimentarem” intelectualmente seus soldados, repudiando as queimadas de 1933 na Alemanha, criando assim movimentos como o VBC (Campanha do Livro da Vitória), que foi responsável por conseguirem para seus soldados, mais de 423 mil livros.

**Palavras-chave:** Bibliocausto. Queima de livros. Nazismo. Censura. Antissemitismo.



## **ABSTRACT**

This work explore and studies about the bibliocaust, which was the burning of books by the nazis during the government of Hitler, in the year of 1933. It's results were obtained by the method of bibliography research, and also by QS, Question Study. In this present work it was approached about the criacion of the book Mein Kampf, Hitler's autobiography, that incitates the hate and the anti-semitism. And it's massive distribution for the german citizens. It describes how this book helped in the advertising against the jews and other immigrants, allied with other ways of communication, helping the censure of several culture ways that were not germans. It talks about the hitlerian student moviment, that were the most responsables for the event of burning of books, and its campaigns to colect censure books, which gave the name of bibliocaust. It shows how was the burnings and its ideals, and in what cities happened the burnings. It highlights the acts of the american librarians in promote collections campaigns of books to "feed" intellectually the soldiers, repudiating the burnings of 1933 in the Germany, then criating moviments as the BVC (Book of the Victory Campaign) that was responsible to get for the soldiers, more than 423 thousands of books.

**key-words:** bibliocaust. Burning of books. Nazism. Censure. Anti-semitism

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Tradução de tags -----	17
Quadro 2 -	Tags usadas no Portal de periódico CAPES -----	19
Quadro 3-	Tags usadas no Portal de periódico CAPES -----	20
Figura 1 -	Capa do livro original Mein Kampf -----	26
Figura 2 -	Folha de rosto do livro original Mein Kampf -----	26
Figura 3 -	Prisão Landsberg, onde Hitler escreveu Mein Kampf -----	30
Figura 4 -	Livraria da editora Eher -----	30
Figura 5 -	Os decretos do presidente do Reich sobre a "proteção do povo e do estado" de 28 de fevereiro de 1933 -----	33
Figura 6 -	Cartaz acusando os Judeus de serem culpados pela guerra -----	36
Figura 7 -	Sinagoga em oberramstadr em chamas -----	40
Figura 8 -	Livros e objetos da editora Dresdner Volkszeitung sendo queimados --	41
Figura 9 -	Cartaz distribuído nas universidades alemãs "12 teses contra o espírito alemão"	43
Figura 10 -	Estudantes alemães reúnem livros que eles consideram "não-alemães."	43
Figura 11 -	Um cartaz do corpo estudantil da Universidade de Würzburg convida estudantes e cidadãos a "limpar" as bibliotecas. Local de entrega: Studentenhause, onde, aparentemente, havia uma "lista detalhada".	45
Figura 12 -	A primeira página da "Lista negra" criada por Wolfgang Herrmann e enviada para a União de Estudantes Alemães em 1 de maio de 1933 --	46
Figura 13 -	Os estudantes inspecionam os livros e escritos coletados para incineração	46
Figura 14 -	Queima de livros em Berlim. Alemanha, 10 de maio de 1933 -----	50
Figura 15 -	Livros "não-alemães" são queimados na <i>Opernplatz</i> (Praça da Ópera). -	50
Figura 16 -	Joseph Goebbels, ministro da propaganda alemão, discursa na noite da queima dos livros	51

Figura 17 -	Mapa das cidades onde houve queima de livros -----	53
Figura 18 -	livros sendo queimados em outra cidade da Alemanha -----	55
Figura 19 -	Cartaz promovido pelo presidente Roosevelt onde diz: Livros não podem ser mortos pelo fogo.	60
Figura 20 -	Cartaz promovido pela Victory Book Compaing (VBC) -----	61
Figura 21 -	Coleta de livros para Victory Book Compaing (VBC) -----	61

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>ESTADO DA QUESTÃO</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>A CRIAÇÃO DO LIVRO MEIN KAMPF</b>	<b>24</b>
3.1	INTRODUÇÃO DO MEIN KAMPF NA ALEMANHA	24
3.2	A POPULARIZAÇÃO DO MEIN KAMPF DENTRO DO PÁIS	27
3.3	CENSURANDO O QUE NÃO FOR MEIN KAMPF	31
3.4	A PROPAGANDA PARA AS MASSAS	34
<b>4</b>	<b>BIBLIOCAUSTO DE 1933</b>	<b>37</b>
4.1	O ÓDIO CONTRAS OS LIVROS	38
4.2	AS GRANDES QUEIMADAS	44
4.3	AS AÇÕES PARA COMBATER O BIBLIOCAUSTO	56
<b>5</b>	<b>PONDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>62</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>66</b>
	<b>ANEXO</b>	<b>68</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A segunda guerra mundial, um acontecimento bárbaro na história da humanidade, teve uns dos seus motivos de surgimento, na década de 1930, na Europa, através de governos totalitários com fortes objetivos militaristas e expansionistas. Na Alemanha surgiu o nazismo, liderado por Hitler e que pretendia expandir o território Alemão, desrespeitando o Tratado de Versalhes, inclusive reconquistando territórios perdidos na Primeira Guerra. Na Itália estava crescendo o Partido Fascista, liderado por Benito Mussolini, que se tornou o *Duce* da Itália, com poderes sem limites.

Seu início realmente foi no ano de 1939, quando o exército alemão entrou a Polônia. A França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. De acordo com a política de alianças militares existentes na época, formaram-se dois grupos: Aliados (liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão), Conforme cita Overy (2014). Mas dentro da Alemanha já estava acontecendo uma guerra sem precedentes, Hitler e seus seguidores já se organizavam com suas ideologias.

O mundo ainda fica em estado de perplexidade quando se fala de uma das mais sangrenta guerra que se pode testemunhar: a segunda guerra ainda hoje é lembrada pela quantidade enorme de vítimas, tendo como seus principais responsáveis, os Nazistas, que foram responsáveis diretamente por essas mortes. Esse acontecimento ficou conhecido como Holocausto.

O holocausto foi o nome atribuído ao extermínio sistemático de milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Houaiss (2010) a palavra holocausto significa sacrifício através do fogo, mas o que poucos sabem, é que essa barbárie deve seu começo na “morte” em outro gênero, as mortes dos livros, mortes essas que mais tarde foram comparadas com o holocausto dando o nome de bibliocausto, em que milhões de livros foram destruídos pelo mesmo regime.

Essas queimadas de livros mostraram a enorme importância que tem esse material, o livro sempre foi a guarda da memória dos homens, o livro guarda a

cultura e fornece o saber de geração em geração. Eliminar isso provoca um declínio em tudo que se foi preservado culturalmente, e era isso que Hitler pretendia ao mandar queimar todas as obras que não fossem escritos pelos alemães, assim pretendia purificar toda a ideologia alemã, exterminando através de propagandas, censuras e o próprio extermínio dos livros que foram produzidos pelos Judeus ou por autores que não seguiam as ideologias Hitlerianas.

Nesse trabalho, pretende-se investigar a censura exercida pelo partido nacionalista alemão, o nazismo, através das grandes fogueiras onde eram queimados os livros, e a censura dentro de outros modos. Esse bibliocausto foi regido por seu líder, Hitler, e pelo seu braço direito Goebbels, que tinha em seus pensamentos uma paixão enorme pelo país, Alemanha, e um ódio extremo pelo o que não era considerado uma raça ariana (pura).

Ainda nessa linha de pesquisa, estudaremos a causa desses ataques a esses livros, qual motivo ideológico por trás dessas ações? Será que esses livros realmente iriam prejudicar a tão exaltada honra alemã? Dentro desse paradigma, o trabalho tem como tema principal o bibliocausto nazista. Para analisar esse acontecimento, dentro do ambiente da segunda guerra mundial que aconteceu entre os anos 1933 e 1945, foi necessário construir um referencial teórico cujo conteúdo desse a base para o entendimento de todo o processo social que cercou e conseqüentemente consolidou esse fato.

Essa censura trouxe muitos problemas a serem discutidos, o bibliocausto se deu com a intenção de purificar a memória intelectual dos alemães, mas destruindo milhares de outros intelectos memoráveis. Assim o presente trabalho pretende visualizar qual o objetivo das queimas de livros; Quais as consequências das grandes queimadas de livros durante a segunda guerra mundial; O que motivou os alemães a queimarem certos livros; O quanto de obras foram queimadas e perdidas nesses eventos e por fim, o que foi feito para recuperar a memória desses títulos perdidos.

Não só na Alemanha, mas em todos os países onde os nazistas dominavam, os livros era destruídos como símbolo de renovação de ideias, assim pelo pensamento nazista. Dessa forma, as bibliotecas tiveram que para essas

monstruosidades, e assim perdendo uma quantidade enorme de informação e cultura nesses livros.

A biblioteconomia tem um papel social muito importante na guarda, e preservação das informações, dessa forma, tendo o dever cuidar como protetora das informações históricas e culturais não só de sua localidade, mas também do mundo, Fonseca (2007). É observado que a biblioteconomia ter voltado seu olhar para a tecnicidade do estudo, tecnicidade essa que analisa de forma física as deteriorações dos livros e documentos no decorrer do tempo, mas não se questiona sobre as perdas dos livros e informações no lado histórico e humano dessas perdas. Assim justifico, a importância desse estudo, com um olhar humano que a biblioteconomia deve ter para com a história e, sobretudo com a guarda dessa memória.

A essa escolha do tema sobre o bibliocausto e a destruição dessas informações contidas nos livros, aconteceu por uma motivação pessoal sobre a segunda guerra mundial e suas consequências históricas e humanas sobre a sociedade, e o impacto que isso trouxe para os dias atuais, como que um povo se deixa conduzir por uma pessoa totalmente malévola, e que está disposto a aniquilar não só o conteúdo cultural e histórico de um povo, mas como também exterminar por completo uma raça de pessoas, a ponto de persegui-las não só na Alemanha, mas em todos os países conquistados durante a guerra.

Como uma justificativa mais profunda para a escolha desse tema, foi a relação que pode se revelar da biblioteconomia com esse assunto durante essa abordagem, o quanto profissionais e instituições se envolveram para minimizar o bibliocausto. Uma questão investigativa sobre a perda dos livros queimados nas grandes fogueiras “assassinas”.

O objetivo geral a ser investigado, caracterizar as causas e consequências das grandes queimadas de livros durante a segunda guerra mundial. Subdividindo-as em mais quatro objetivos específicos, sendo eles: descrever o ambiente hostil e analisar as motivações dos alemães nas queimadas dos livros; apontar que métodos de persuasão usados nas campanhas de ódio contra culturas estrangeiras; levantar quantas obras foram queimadas e perdidas nesses eventos e por último analisar o que foi feito para recuperar as memórias desses títulos perdidos.

A metodologia deste trabalho trás uma abordagem qualitativa, se aprofundando na compreensão de um grupo social, de uma organização específica. Dessa forma, ligando as atitudes e os valores de um determinado acontecimento dentro da história, tentando entender as relações de tais fenômenos. Utilizando os objetivos adotados na pesquisa, de forma exploratória, fazendo nos familiarizarmos melhor com a temática, tornando-a mais explícita.

Se utilizando também da pesquisa bibliográfica, pôde-se teve-se acesso a uma quantidade maior de fontes, mesmo essas estando distantes, tanto geograficamente quanto temporalmente Para a coleta de dados foi utilizado em sua maioria livros e artigos, sendo alguns em língua estrangeira traduzida para o português, por pessoas especializadas na língua requerida. Para o enriquecimento das informações foi se pesquisou-se em sites alemães e judeus confiáveis devidamente traduzidos, filmes e documentários obtidos por produções históricas especializadas.

No referencial teórico, foram divididos os conteúdos temáticos dos objetivos específicos, desse modo, explanando acerca de cada fator, para que ao término da leitura da seção e suas subseções, o leitor pudesse entender a amplitude do entrelaçado de situações que levou ao bibliocausto.



## 2 ESTADO DA QUESTÃO

A fim de trazer, maior relevância para a pesquisa utilizada neste trabalho de conclusão de curso, foi realizado o “estado da questão” a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico para se encontrar o tema ou o objeto da investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Assim diz Nobrega-Therrien (2004), que é uma incessante busca, que resulta na /definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa. Sendo um mapeamento do que esta sendo produzido cientificamente dentro da temática que esta sendo investigada, ajudando o pesquisador a ter uma visão mais profunda do objeto de estudo, assim permitindo-o analisar melhor as referências bibliográficas.

Para a pesquisa de estado da questão, os resultados foram necessariamente vinculados com o tema em questão, e referencia o que existe em publicações na área de investigação, seja em nível local, nacional ou internacional, não obedecendo necessariamente a esta ordem. Foi necessário examinar nos periódicos, bases de dados, bem como repositórios institucionais, Estudos e Pesquisas na área de biblioteconomia e história, tais como artigos de revistas indexadas e estudos produzidos e socializados.

Assim, com essas observações sobre o estado da questão, foi necessário, neste momento, descrever o percurso realizado através da busca de dados e do mapeamento dos estudos sobre a temática ora investigada para, em seguida, proceder à análise desses estudos visando a aproximá-los do nosso objeto para apreendê-lo melhor e mais profundamente.

Tags ou metadados tem como finalidade classificar e organizar arquivos, páginas e conteúdos, visando encontrar, com facilidade, aquilo que o usuário deseja. O termo é novo para muitas pessoas, mas o significado é antigo, uma vez que significa classificar, ordenar, o que sempre foi utilizado em livrarias, bibliotecas, casa de som, enciclopédias e tantos outros de tal forma que se agilize a busca, informando o que o usuário deseja.

As tags relacionam textos na internet, levando o leitor a outros conteúdos semelhantes sem a necessidade de fazer novas buscas, fazendo com que todos os

textos relacionados a esta tag sejam encontrados rapidamente. Assim fala Martins (2007), as tags têm a vantagem de facilitar a classificação das informações, favorecendo os usuários a encontrar páginas semelhantes, mas também a desvantagem de levar a mais conteúdos relacionados, através de uma palavra com diferentes sentidos.

Para a presente pesquisa foi utilizada duas tags; holocausto dos livros e Queima de livros Nazistas, tags estas, que propõem a identificação do tema abordado da pesquisa. Desse modo, podendo recuperar os artigos de maior relevância publicados nos banco de teses e dissertações, também como bases de periódicos científicos. Para esta mesma pesquisa foram utilizadas essas mesmas tags traduzida para a língua Inglesa, com a finalidade de abranger os resultados. Assim desse modo, as tags se tornaram; Holocaustof books e Nazi book burnings, como mostrado no quadro abaixo.

**QUADRO 01 – Tradução de tags**

Tag em português	Holocausto dos Livros	Queima de livros Nazistas
Tag em inglês	Holocausto Of books	Nazi book burnings

Na sequência metodológica para a pesquisa de estado da questão foram usados os seguintes refinamentos: Após a recuperação dos artigos através das tags, utilizei a estratégia de busca com as aspas em cada tag com a finalidade de buscar somente aquele termo específico, ao final da recuperação, usei a busca avançada refinando por data, buscando apenas artigos produzidos de 2012 ao ano atual, 2017.

A pesquisa teve início no Portal do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), logada e vinculada com a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), na busca por artigos em periódicos indexados nos 5 anos. Em seguida, ainda no portal da Capes, buscamos, no banco de teses e dissertações, trabalhos relacionados à temática referente a este trabalho. Utilizando apenas como estratégia de busca as aspas e refinamento por data, logo após a própria CAPES lhe dá a opção de “revisado por pares”, a qual se utilizou para reforçar a qualidade da pesquisa. Pois sabendo que quando o artigo foi revisado

pelos seus pares, ou seja, aquele artigo foi submetido a mais de um especialista do mesmo escalão do autor que fazem comentários ou sugerem revisões no trabalho analisado, contribuindo para a qualidade do trabalho a ser publicado.

A segunda etapa da pesquisa deu-se na Base de dados do Museu Estadunidense Memorial do Holocausto (Holocaust Memorial United States Museum), site este, encontrado fruto de uma pesquisa exaustiva na internet em endereços eletrônicos nacionais e, norte americanos e alemães. Se utilizando de palavras chaves em português, alemão e inglês, foi-se encontraou-se este site que resguarda a memória do holocausto, com a finalidade de atender alunos e pesquisadores na temática holocausto. E dentro desse tema, está o bibliocausto o qual é a linha de pesquisa deste trabalho.

A busca inicial deu-se por artigos em periódicos no portal da Capes usando os descritores centrais com e sem aspas. Um reduzido número de trabalhos foi encontrado, mas nenhum relativo à temática investigada, conforme Quadro 2, utilizando o buscador por assunto do portal, foi inserida a primeira tag, Holocaust of books (Holocausto dos livros), onde foi recuperado um total de 124.461 documentos, tendo as palavras: Holocaust; of; books, separadas pelo corpo dos textos. Nesse mesmo numero recuperados 23.635 são revisados por pares tendo maior relevância entre seus pesquisadores, e ainda continuando, dentro do mesmo numero 38. 849 desses documentos estão disponíveis online. Agora utilizando um refinamento de busca por artigos, o numero caiu de 124.461 para 54.303 documentos, sendo 17.358 revisados por pares e 22.996 documentos online. e como o EQ é estudado os artigos que estão sendo estudados nos últimos 5 anos, foi refinado a busca por data, com o ano a partir de 2012, e o numero de documentos caiu para 6.244.

Retornando à página inicial do Portal de Periódicos da CAPES, foi inserida a mesma tag Holocaust of books, agora utilizando a estratégia de busca com aspas, e foram recuperados apenas 141 documentos, não mostrando o refinamento revisado por pares e nem os documentos online como tinha mostrado na pesquisa anterior com a mesma tag. Usando a ferramenta de busca avançada foi selecionado o refinamento por artigos, e foram recuperados 63 documentos e com o refinamento por data desde 2012, o numero chegou a 0.

**QUADRO 02 – tags usadas no Portal de periódico CAPES**

TAG	PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES				
	GERAL	REVISADO POR PARES	ONLINE	ARTIGOS	POR DATA
Holocaust of books	124.461	23.635	38.849	54.303	6.244
“Holocaust of books”	141	-	-	63	0

Continuando a busca, ainda no portal da Capes, mas agora com a TAG Nazi book burnings (queima de livros Nazistas). Agora utilizando um *login* livre na CAPES, ou seja, sem estar utilizando um vínculo com qualquer universidade, ( que nesse caso limita as buscas, se utilizando apenas de base de dados com conteúdo gratuito)

Entrando no buscador com a tag, Nazi book burnings, onde foi recuperado um total de 10.669 documentos, tendo as palavras: Holocaust; of; books, separadas pelo corpo dos textos. Nesse mesmo numero recuperados 238 são revisados por pares tendo maior relevância entre seus pesquisadores, e ainda continuando dentro mesmo numero 388 desses documentos estando disponíveis online. Agora utilizando um refinamento de busca por artigos, o numero caiu de 10.669 para 5.084 documentos, sendo 188 revisadospor pares e 249 documentos online. e como o EQ é estudado os artigos que estão sendo estudados nos últimos 5 anos, foi refinado a busca por data, com o ano a partir de 2012, e o numero de documentos caiu para 57.

Retornando à página inicial do Portal de Periódicos da CAPES, foi inserida a mesma tag Nazi book burnings, agora utilizando a estratégia de busca com aspas, e foram recuperados apenas 159 documentos, mostrando 33 refinamentos revisados por pares e 79 documentos online como tinha mostrado na pesquisa anterior com a mesma tag. Usando a ferramenta de busca avançada foi selecionado o refinamento por artigos, e foram recuperados 84 documentos e com o

refinamento por data desde 2012, o numero chegou a 8. Como mostra o quadro 3 abaixo.

**QUADRO 03 tags usadas no Portal de periódico CAPES**

TAG	PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES				
	GERAL	REVISADO POR PARES	ONLINE	ARTIGOS	POR DATA
Nazi book burnings	10.669	238	388	5.084	57
“Nazi book burnings”	159	33	79	84	8

Ao finalizar a segunda etapa da pesquisa no Portal CAPES, dos 8 documentos recuperados, apenas 1 teve relevância para a pesquisa, os outros 7 encontrados tratavam apenas de comparações e citações com o acontecimento do bibliocausto na Alemanha. O artigo recuperado foi:

- The war on history .**New Scientist**, 14 March 2015, Vol.225(3012), pp.5-5

Artigo que relata sobre grandes acontecimentos nas guerras históricas da humanidade

Ao terminar as pesquisas feitas pelo portal de periódicos CAPES, e tendo as recuperações muito pobres para o fomento do trabalho em questão, deu-se uma busca por bases de dados armazenadas em outros países, através de uma busca pelo Google utilizando as mesmas tags apresentadas anteriormente, foi apresentada a base Museu Estadunidense Memorial do Holocausto (Holocaust Memorial United States Museum), que sempre estando entre as duas primeiras páginas da recuperação do Google. Vindo junto com paginas de listas de livros do Holocausto, Site de vendas de livros, vídeos e imagens.

Já estando dentro da página inicial do Museu Estadunidense Memorial do Holocausto, pôde-se fazer a pesquisa através do buscador da página, o qual foi feito

com as tags já citadas, sendo que ao buscar com a frase Holocaust of books, foram recuperado 15.449 documentos, entre outras páginas do mesmo site, entrevistas, imagens, manchetes de jornais que noticiaram o bibliocausto, dentre outros. Sendo que todos esses documentos recuperados serviam para o embasamento deste trabalho.

Ao colocar no buscador a segunda tag, Burning books, foram recuperados 299 documentos, de uma forma mais específica com a relevância com o tema bibliocausto, dentre artigos, entrevistas, imagens, manchetes de jornais que noticiaram o bibliocausto, dentre outros. Sendo que todos esses documentos recuperados serviam para o embasamento deste trabalho.

Uma outra forma de pesquisa, foi através da busca pelas bibliografias utilizada por este site, que ajudaram na fundamentação teórica deste trabalho. Essa busca se deu pela navegação dentro do site, utilizando seus hiperlinks, navegação esta que precisou de cinco cliques: depois de estarna página inicial, entrou-se no menu, procurou-se pelo botão *research and collections*, seguiu-se pela opção *about the museum's*, o que remeteu à outra página, entrando pela opção *bibliographies*, abrirá uma terceira página e finaliza com a opção *1933 book burnings*.

Na página 1933 book burnings, são encontrados 29 títulos de livros e artigos on-line ou físicos para pesquisa. A seguinte bibliografia foi compilada para orientar leitores para materiais selecionados nas queimadas de livros de 1933 que estão na coleção da Biblioteca. Não é para ser exaustivo. Anotações são fornecidas para ajudar o usuário a determinar o foco do item, e os números de chamadas para a Biblioteca do Museu são entre parênteses seguindo cada citação. Aqueles impossibilitados de visitar podem encontrar esses trabalhos em uma biblioteca pública próxima ou adquiri-los através de empréstimo entre bibliotecas. Os resultados dessa pesquisa indicam todas as bibliotecas em sua área que possuem esse título particular. Fale com o seu bibliotecário local para obter assistência.

Dentre essa bibliografia achada no Museu Estadunidense Memorial do Holocausto, foram selecionados alguns títulos de maior relevância para a pesquisa, tais como:

- Báez, Fernando. *A Universal History of the Destruction of Books: From Ancient Sumer to Modern Iraq*. New York: Atlas, 2008.

Crônica a destruição de livros ao longo da história, desde o mundo antigo até os dias modernos. Inclui notas, uma extensa bibliografia e um índice.

- Heidtmann, Horst. "Book Burning." In *Encyclopedia of the Third Reich*, edited by Christian Zentner and Friedemann Bedürftig, 99-100. New York: MacMillan, 1991.

Relata as circunstâncias em torno das queimaduras de livros de maio de 1933. Enfatiza o interesse do movimento nazista nascente em remover as influências comunistas e judaicas da sociedade alemã e como isso leva a eventos como as queimadas de livros.

- Birchall, Frederick T. "Burning of the Books, May 10, 1933." In *National Socialist Germany: Twelve Years that Shook the World*, edited by Louis L. Snyder, 101-104. Malabar, FL: Krieger, 1984.

Com base na história do New York Times de 11 de maio de 1933 na gravação do livro de Berlim. Descreve o desfile estudantil que precedeu a fogueira, os cantos que acompanharam a remessa de trabalhos de alguns autores para o fogo e o discurso de Joseph Goebbels no meio da ocasião.

- United States Holocaust Memorial Council. *Nazi Book Burnings and the American Response*. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Council, 1988.

Um breve guia documentando uma exposição de 1988 na Biblioteca do Congresso sobre as queimadas de livros nazistas. Resume a resposta às queimadas na mídia americana e lista as fotografias, histórias de jornais, desenhos animados políticos e livros exibidos na exposição.

- Sauder, Gerhard, editor. *Die Bücherverbrennung: zum 10. Mai 1933*. München: Hanser, 1983.

Uma coleção de documentos, artigos de jornais e lembranças sobre as queimaduras de livros de 1933. Fornece material fonte criada pela faculdade e liderança estudantil da Deutsche Studentenschaft (German Students 'Corporation) no planejamento e execução das queimadas de livros. Inclui contas do jornal alemão sobre as queimadas, reproduções de folhetos, fotografias e uma bibliografia.

Sintetizando a pesquisa do estado da questão, conclui-se que ela foi de primordial importância para a fundamentação teórica do trabalho, as pesquisas exaustivas com as principais tags da temática abordada aqui, a princípio no portal de periódico CAPES, as recuperações dos documentos foram frustrantes, pois não se conseguiu um resultado de artigos que realmente se faziam valer para a pesquisa. Apenas comentários e citações do evento pesquisado, já na segunda parte da pesquisa no mesmo portal com outra TAG, os números se elevaram com uma importância maior, mas mesmo assim com um documento realmente relevante.

Já se utilizando da base de dados do Museu Estadunidense Memorial do Holocausto, os retornos se mostraram cem por cento úteis, com aproveitamento total das recuperações. Neste site, foi encontrado não só bibliografias de títulos com o tema bibliocausto, mas documentos, imagens, reportagens e muito mais conteúdo sobre as queimadas de livros pelos nazistas. Retirando muitos documentos para concretizar este trabalho.



### 3 A CRIAÇÃO DO LIVRO MEIN KAMPF

Nesse capítulo, será apresentado o contexto histórico da segunda guerra mundial e as circunstâncias e ideias que motivaram Hitler a escrever sua autobiografia, tal qual também sua potência e influência sobre a população alemã. Sendo uns dos principais motivos de incitação ao ódio racial, e sua ascensão ao poder.

#### 3.1 INTRODUÇÃO DO MEIN KAMPF NA ALEMANHA

Toda e qualquer tipo de guerra, não se faz apenas de armas, soldados e corpos no chão. Tudo isso vem depois de várias e várias estratégias de guerra, pessoas supostamente inteligentes no que se diz respeito ao campo militar, mesmo antes dessas estratégias militares, tudo depende apenas de uma idealização, uma cabeça que não aceita determinada situação, e claro, precisa-se de mais cabeças para segui-lo.

Não foi diferente o que motivou o estopim da segunda guerra mundial, Adolf Hitler idealizou algo, algo muito grande, e não perdeu tempo, pôs em prática seus pensamentos e ideias. Nunca saberemos ao certo o que realmente motivou Hitler a propagar tanto ódio contra outras raças, apenas nos resta estudar sua maior obra “*mein kampf*” onde relata ou tenta explicar o por que que se devia eliminar tais suportes ameaças.

Com um prazer satânico no rosto, o jovem judeu de cabelos negros espreita, horas e horas, a menina inocente que ele macula com seu sangue, roubando-a assim de seu povo. “Com todos os meios ele tenta destruir os fundamentos raciais do seu povo que se propõe a subjugar” (HITLER, 2016, p.43).

Com essas palavras Hitler compara os alemães como a “menina inocente” que é violentada pela raça impura, no caso os judeus. Na sua autobiografia, podemos encontrar incontáveis insultos a esses povos e também a outros aos quais ele julgava raça inferior ou como eram chamados *undermensch* (sub-humanos), mas o povo judeu ainda era classificado mais baixo que isso, eram taxados de vermes, morcegos, bacilos, câncer e muitos outros nomes, disseminados tanto em seu livro quanto em discursos em praças, rádios e eventos.

Na ideologia nazista, era disseminado que Deus criou os arianos (raça pura ou raça nobre) para se sobreporem as outras raças, que a raça ariana era responsável pelas grandes obras de artes, cultura e ciência, e que esse dom estava no sangue e passava de geração a geração pelo DNA, segundo Hitler (2016).

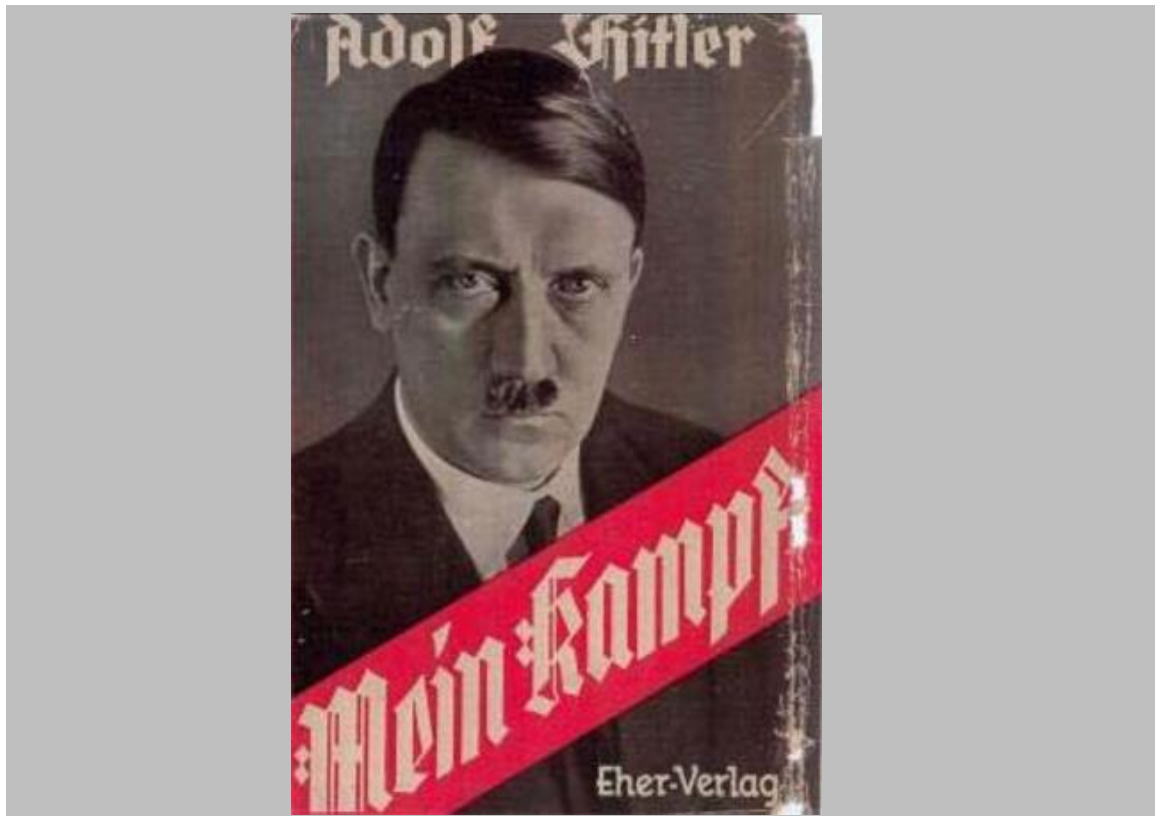
Hitler conseguiu convencer a população que ao se misturar o sangue puro dos arianos com os dos judeus, estariam condenando para sempre o povo alemão, a causa de todos os males da Alemanha seria oriundo da miscigenação racial. Então Hitler enfatizava na maioria dos seus discursos do alto risco de se misturar com outras raças, e principalmente a dos judeus. E o único jeito de salvar o povo alemão desse risco, era eliminar os povos estrangeiros de sua terra, isso incluía ciganos, negros, comunistas e principalmente os Judeus que eram considerados os vírus da doença instalados na sociedade alemã. Szklarz (2014) nos conta em seu livro que os prontuários nazistas mandavam jogar desinfetante nesses degenerados e expulsá-los dos cargos que ocupavam na imprensa, na cultura, no serviço público e nas universidades.

Dessa forma já podemos perceber que Hitler sabia que teria que apagar a memória dos judeus e dos “parasitas” não só na miscigenação racial, mas também na miscigenação cultural. Ou seja, arrancar qualquer vestígio de identidade de outras culturas dentro da cultura alemã, e claro isso incluía os livros, o principal responsável por introduzir outros saberes culturais dentro do país. O livro estava presente em todos os espaços, nas casas, trabalhos, universidades e claro, nas bibliotecas.

Mas Hitler era esperto demais para fazer isso de forma abrupta, ele sabia que teria que se utilizar de outros métodos para conseguir convencer o povo alemão a se desfazer de livros e informações que tinham consigo por anos e anos, sendo assim, vieram as grandes jogadas de persuasão, como nos diz Vitkine (2016).

Afinal, o que poderia fazer com que a população se enojasse dos livros que tinham em suas propriedades, escritos por autores de outra nacionalidade, de forma rápida e eficaz, se não o próprio livro, Hitler sabia disso.

**figura 1** - capa do livro original Mein Kampf



Fonte: Google imagens

**figura 2** - folha de rosto do livro original Mein Kampf



Fonte: Google imagens

### 3.2 A POPULARIZAÇÃO DO MEIN KAMPF DENTRO DO PÁIS.

Hitler precisou de um tempo para escrever sua autobiografia, isso aconteceu no período em que ficou preso na prisão de *Landsberg*, a qual foi condenado por tentativa de golpe ao estado. *Landsberg* era uma prisão muito confortável, (ao menos algumas celas eram) construída no século XX no ano de 1908, tinha capacidade de 565 presos. Hitler ficou detido entre os anos de 1923 a 1924, totalizando 264 dias.

Nessa data, Hitler já tinha influencia e pessoas que compartilhavam de seus ideais, assim conseguindo uma máquina de escrever, papéis e artigos para sua escrivania dentro da cela.

“O banqueiro Emil Georg, diretor do poderoso Deutsche Bank, um dos principais patrocinadores do partido, presenteia-lhe uma esplêndida máquina de escrever Remington – o que havia de melhor na época. Numa loja de Landsberg, um militante compra papel, assim como uma pequena mesa, por 7 marcos. No Natal de 1923, Winifred Wagner, nora do compositor e ardorosa admiradora de Hitler, envia-lhe, a seu pedido, uma quantidade de papel, além de material de papelaria, lápis, borracha e carbono” (VITKINE, 2016, p.17).

E assim dedica-se a escrever sua obra *mein kampf*, livro este, tão importante para sua vida como para qualquer outra coisa. Hitler sabia que por mais que tivesse amigos com os mesmos ideais, e que estariam dispostos a segui-lo para outras corridas ao poder, por causa de sua derrota no golpe de estado, e ainda mais por causa de sua prisão, ele teria muita dificuldade em estabelecer uma posição de confiança entre seus companheiros. Afinal ele tinha perdido sua credibilidade, e ainda mais ele era ciente que dentre seus companheiros de ideologia ele não era o mais cotado para ser o líder do nacional socialismo.

Dessa forma, depois de cumprir sua pena em Landsberg, apresenta ao grupo seu livro, sua autobiografia. *Mein kampf* (minha Luta) um livro de 720 páginas que nos mostra sua história de luta durante sua juventude, e o mais importante, mostra seus ideais, sua ideologia antissemita e sua total devoção ao povo alemão, e

o quanto estes são especiais aos olhos do criador, um povo de raça ariana, superior a qualquer outra raça, merecedora de sobrepor todo o resto.

Agora Hitler saía da prisão, não como um qualquer, agora ele era escritor, um homem das letras. E ele utilizara isto para abrilhantar seu nome entre seus confrades. Se ainda existia entre seus colegas alguém que duvidasse de sua eloquência, de sua liderança, caiu por terra ao ser apresentado ao *mein kampf*. Até os mais próximos de Hitler não sabiam mais se deveriam o seguir após seu fracasso no golpe, mas agora ele veio fortalecido de suas convicções apresentadas em seu livro, mostrando que ele é o homem perfeito para liderar a Alemanha, tira-los das trevas que ainda se estendia pelas derrotas do passado e pela proliferação dos não alemães em sua terra. Em muitos dos escritos encontrados no diário de Goebbels, ele relata uma passagem que se impressiona com a personalidade de Hitler “[...] Acabo de concluir o livro de Hitler, com crescente excitação. Quem é este homem? Um semipebleu, um semideus? O Cristo ou apenas São João?”, Vitkine (2016).

*Mein kampf* se mostrou primordial para Hitler também por outro motivo, o de que só ele teria capacidade e competência para ser o salvador da Alemanha, unindo o teórico com a agir. Em seu livro conseguiu atrair a admiração dos que ainda não o conheciam, e a devoção dos que já o respeitavam. O certo é que o livro ajudou-o a ser compreendido, e mais ainda, o livro fez o Hitler tanto quanto ele fez o livro.

Na verdade *Mein kampf* passou a ser sua voz, pois Adolf Hitler fora proibido de falar em público oficialmente, mas apesar das autoridades ficarem duvidosas se aprovavam a venda do livro, eles por lei não poderiam proibir sua divulgação. Então a editora *Eher Verlag* se incube de fazer as tiradas dos exemplares. Assim então começa sua jogada de *marketing*, já em dezembro de 1925 cartazes de publicidade sugeriam que ganhar um *Mein Kampf* seria o presente ideal de Natal para as famílias nacionais socialistas. Já ao final do mesmo ano, foram vendidos mais de 9.400 exemplares, obrigando a editora *Eher* a providenciar uma segunda edição, agora com um anúncio muito mais apelativo, “cada alemão que se interesse pela política deve conhecer seu adversário. Só então poderá formar um julgamento a seu respeito. você conhece Adolf Hitler?” Vitkine (2016).

Pouco a pouco o livro de Hitler ganhou uma grande notoriedade, passando a ser considerados a “bíblia Nazi”, tanto seus admiradores quanto seus adversários tinham um exemplar. A editora Eher começava a fazer edições de apoio, juntando os volumes e edições de luxo para que os ricos pudessem apoiar mais ainda as causas Nazis. Só no ano de 1930 as vendas chegam a 54 mil exemplares, e a cada ano os números crescem absurdamente, deixando a editora Eher cada vez mais rica, tendo que comprar prédios vizinhos para expandir sua editora, mas sempre atendendo a demanda de vendas e os pedidos populares, confeccionando edições de bolso a preços mais acessíveis a população com menos condições, levando as palavras de Hitler e seu antissemitismo ao máximo de alemães possíveis.

Não só a editora Eher estava com boas condições financeiras, mas Hitler já tinha acumulado uma boa fortuna, recebendo 10% do preço das vendas de cada livro, subindo para 15% no ano de 1933. Chegando a abrir mão de seu salário como chanceler, o que não passava de mais uma jogada estratégica para ganhar mais aprovações da população, o que foi muito favorável em frente ao povo alemão.

A autobiografia de Hitler é um texto que revela um descarado plano de dominar o mundo, um plano totalmente explícito e às claras, planos e ideias distribuídos para milhares de pessoas, pessoas essas que talvez em sua maioria não compreendesse os sentidos daquelas palavras escritas, mas juntando às palavras ditas por Hitler faziam todo sentido, e sua legião de seguidores só aumentava. Rapidamente Hitler, depois de conseguir o título de chanceler, providenciou a restrição de sua obra para países estrangeiros, talvez temendo que suas intenções fossem pressentidas e alertassem o mundo do que estaria por vir. O que ainda assim, nos deixa muitas indagações como nos diz Vitkine (2016) através do filósofo Klemperer, Deixando claro que, mais do que qualquer outro regime autoritário, o papel singular e da responsabilidade da população alemã na chegada de Hitler no poder e de suas intenções.

“O fato de esse livro ter sido difundido na opinião pública e de, apesar disso, se haver chegado ao reinado de Hitler, aos dozes anos desse reinado, quando a bíblia do nacional socialismo já circulava anos antes da tomada do poder: este será sempre, para mim, o maior mistério do III reich”. (VITKINE, 2016, p.50)

figura 3- Prisão Landsberg, onde Hitler escreveu Mein Kampf



Fonte: Google imagens

figura 4- Livraria da editora Eher



Fonte: Google imagens



### 3.3 CENSURANDO TUDO O QUE NÃO FOR MEIN KAMPF

As idealizações de Hitler para transformar as instituições culturais e manter suas políticas antissemitas, ultrapassaram as barreiras literárias. E seu livro serviu de base para fundamentar todo esse conceito Hitleriano, Hitler se preocupou em criar uma visão de que só os alemães de sangue puro tinham contribuições culturais e artísticas de real valor, dignas de enaltecimentos e exposição. Sendo criado até um feriado para enfatizar as obras nacionais, conhecida como “o dia da arte alemã”, sendo selecionado pelo próprio Hitler as obras artísticas que iriam ser exibidas, e premiava as obras que considerava compatíveis com sua ideologia e apropriadas com sua política nacional socialista. Também se ordenava onde seriam os locais de exposições dessas obras, e até mesmo ditava os valores que deveriam ser cobradas, sempre optando por quantias bem altas para enobrecer as peças, e escolhia as que mais reforçavam a visão de uma Alemanha pura para colocá-las em lugar de destaque.

Seguindo a mesma linha de “purificação”, Hitler juntamente com Goebbles, (seu braço direito) censuravam peças em museus, qualquer obra de arte ou intelectual criada por judeus ou outros artistas tachados como inferiores era eliminada. Dessa forma, Hitler pretendia mostrar uma Alemanha perfeita, que só eles eram capazes de trazer glória a Alemanha. Manning (2015).

Claro que a educação nas escolas, também não escapou dessa reestrutura cultural. Goebbles tinha ordenado ao ministro do interior alemão, Dr. Wilhelm Frick, que enviasse um documento às escolas alemãs informando a mudança no sistema educacional. O novo método de ensino frisava tudo que concerne à pátria e a história alemã, dando ênfase nos últimos vinte anos, ensinava também ciência racial, hereditariedade e genealogia. Frick orientou as escolas que enfatizassem o ensino de que a mistura de sangue estrangeiro no sangue puro alemão era totalmente prejudicial ao povo de raça ariana, informando que essa mistura poderia deteriorar a linhagem sanguínea, principalmente se juntado aos judeus e negros. Sendo assim, causando até 33% de demissões de professores judeus.



Toda essa mudança cultural, já tinha sido descrita em um capítulo de seu livro com o título de Propaganda e Organização, nesse pequeno capítulo de 12 páginas, Hitler nos fala da importância de doutrinar as massas direcionando as informações dadas a elas, e explica a diferença de um simples agitador com um organizador. Tendo em vista que um organizador tem o como principal função estudar o povo, analisar, sendo um psicólogo dessas pessoas. Já o agitador, tem a capacidade de conduzir a massa, está na linha de frente guiando o povo. Um agitador tem a habilidade de se comunicar de tal maneira a ser entendido. Assim a capacidade intelectual nada tem a ver com a capacidade de comando. Mudando e moldando a forma de ver as instituições culturais e as escolas, Hitler conseguia conversar com a sociedade como um agitador. (HITLER, 2016, p. 116)

Nesse mesmo capítulo do seu livro, ele fala que como chefe do partido teve sempre o interesse de preparar um espaço para uma causa futura, mas com maior importância de se assegurar a compreensão exata dos princípios das suas ideias e organizações, para que o povo alemão hoje entregue uma Alemanha pura amanhã. Dessa forma, Hitler acreditava que quanto mais radical essas mudanças culturais e educativas, ia separar a população débil, e conduzindo-os para uma massa já moldada em seus conceitos hitlerianos,

Mas mesmo com uma fiscalização forte, nem todos os alemães eram alcançados com essa ideologia, assim sofrendo enorme represália do governo e até mesmo sob-risco de morte.

A forma agressiva que se deu à nossa propaganda consolidou e garantiu a tendência radical do novo movimento, porque assim, efetivamente, o mesmo ficou constituído, salvo raríssimas exceções, de homens radicais, capazes de assumir a responsabilidade de defensores da causa. (HITLER, 2016, P.435)

Essa estratégia era tão potente, que dentro de pouco tempo, centenas de milhares de alemães estavam seguindo toda ideologia Hitleriana, embora segundo Hitler, fossem covardes demais para aderirem ao partido. Em 28 de fevereiro de 1933, foi criada a "lei de fogo Reichstag" era a legitimidade legal para a perseguição de social-democratas, socialistas, comunistas, pacifistas e sindicalistas. Proibiu a afiliação a organizações comunistas, social-democratas e pacifistas. Ele dizia respeito a partidos,

associações e também a grupos universitários. Começou agora um terrorismo nacional e sistemático. Em todas as cidades, partidos e organizações do movimento trabalhista tornaram-se alvo de ataques e violência.

**figura 5** - Os decretos do presidente do Reich sobre a "proteção do povo e do estado" de 28 de fevereiro de 1933.



Fonte: bibliothek verbrannte bucher

### 3.4 A PROPAGANDA PARA AS MASSAS

A propaganda é um modo específico e sistemático de persuadir visando influenciar com fins ideológicos, políticos as emoções, atitudes, opiniões ou ações do público alvo. Seu uso primário advém de contexto político, referindo-se geralmente aos esforços de persuasão patrocinados por governos e partidos políticos. O termo "propaganda" tem a sua origem no gerúndio do verbo latim "*propagare*", equivalente ao português propagar, significando o ato de difundir algo. O uso da palavra "propaganda" no sentido atual é uma cunhagem inglesa do século XVIII, estabelecida em 1633 pelo Papa Urbano VIII para supervisionar a propagação da fé cristã nas missões estrangeiras.

Hitler sabia muito bem do significado de propaganda, e sabia utilizá-la com maestria, prova disso foi um de seus capítulos do livro *Mein Kampf*, intitulado “Propaganda de Guerra”, onde ele explicava com detalhes sobre o poder da propaganda, especificamente para as massas, público ao qual se voltou toda sua atenção.

Para Hitler, uma guerra se lutava em duas frentes, a primeira frente era no campo de batalha, na parte física, no qual Hitler considerava que os soldados alemães iam muito bem, eram bem treinados. Já a segunda frente era a da propaganda, o campo das idealizações, o jogo mental para convencer e atrair mais adeptos aos seus ideais. Só que nesse âmbito, ele considerava que seus oficiais de guerra iam muito mal, não sabiam conduzir nem direcionar a propaganda para quem realmente importava. Hitler ainda atribuía essa falta de “Marketing” como um dos principais fracassos da Alemanha. As campanhas anteriores a Hitler tentavam ridicularizar o inimigo. “Para Hitler aí estava um grande erro, na verdade eles teriam que mostrar o quanto o inimigo era perigoso, e isso não só se dava no campo de batalha, mas sim, dentro do território alemão, nesse caso os inimigos eram os judeus e outros povos instalados na Alemanha”, assim diz (URWAND, 2014, p. 27).

Hitler se utilizava muito de comparações de estratégias de propaganda dos países inimigos, como foi o caso dos americanos e ingleses, que Hitler considerava ótimos nesse quesito, acertando psicologicamente em suas estratégias de propaganda. Esses países ao divulgar o inimigo, no caso a Alemanha, os apresentavam como bárbaros, preparando seus soldados para os horrores que enfrentariam no campo de batalha, deixando-os totalmente horrorizados psicologicamente. Assim precavendo-os para possíveis decepções, ou seja, os soldados americanos e ingleses iam para a batalha já sabendo que enfrentariam pessoas perversas e cruéis, fazendo assim até crescer o ódio entre os soldados e a população no qual esse Marketing foi investido. Dessa forma o soldado e a população dos países inimigos não se sentiam enganados e mal informados. Hitler dizia que esse era o erro da Alemanha, em não oferecer aos seus soldados uma visão terrível de seus inimigos, isso se mostra em uma de suas comparações feita em seu livro, Hitler (2016), “Que se diria, por exemplo, de um cartaz anunciando um novo sabão e que, no entanto, aponta como bons outros sabões? A única coisa a

fazer diante disso seria levantar os ombros e passar”. Hitler sabia o poder da propaganda, mesmo que essa propaganda fosse mentira.

Em seu livro *Mein Kampf*, Hitler falava que a propaganda durante uma guerra era determinante para um fim, e que esse fim resultava na vitória do povo alemão, ou seja, a propaganda tinha que ser tratada de forma muito séria, mas a quem devia ser voltada a propaganda, aos intelectuais ou a massa? Hitler afirmava com toda certeza que sempre seria para as massas. Dizia ele, que para os intelectuais devia-se tratar de instruções científica, pois para eles propaganda era tão ciência quanto um cartaz era uma arte.

O cinema sofreu forte repressão, em Berlim, dezembro de 1930, Joseph Goebbels, um dos mais importantes representantes de Adolf Hitler, juntamente com membros das Tropas de Choque nazistas, interrompeu a estreia de "Sem Novidade no Front", filme baseado no romance do mesmo nome, de autoria de Erich Maria Remarque. Protestantes nazistas jogaram bombas de fumaça e pós de conteúdo irritante às vias respiratórias dentro da sala de exibição, fazendo com espectadores espirrassem sem parar, com o objetivo de interromper a sessão cinematográfica. Aqueles que protestaram contra a interrupção foram agredidos. Assim compreendido pelo Urwand (2014), o filme foi banido e, em 1931, Erich Maria Remarque emigrou para a Suíça, e após assumirem o poder, em 1938, os nazistas revogaram sua cidadania alemã.

Já em Março de 1933, Joseph Goebbels, foi nomeado ministro do *Reich* para Esclarecimento Popular e Propaganda. Aquele ministério controlava a produção e transmissão de todos os tipos de mídia, tais como jornais, programas de rádio e filmes, e também todo tipo de entretenimento público e programas culturais, tais como teatro, arte e música. Goebbels inseriu o racismo e os ideais nazistas em todos os meios de comunicação. Quarenta mil pessoas se reuniram para ouvir o ministro da propaganda Joseph Goebbels discursar na Praça da Ópera, em Berlim. Goebbels condenou obras escritas por judeus, liberais, esquerdistas, pacifistas, estrangeiros e demais não nazistas como sendo “não-alemãs”. Com tudo previamente combinado, estudantes nazistas iniciaram uma grande queima de tais livros. Os livros “censurados” foram excluídos dos acervos de bibliotecas em toda a Alemanha. Goebbels proclamou, então, a “purificação do espírito alemão”.

**figura 6** - Cartaz acusando os Judeus de serem culpados pela guerra



Fonte: Google imagens

## 4 BIBLIOCAUSTO DE 1933

As grandes fogueiras de queima de livros dizem respeito ao ritual de destruição por fogo de livros e de outros materiais considerados ofensivos à cultura alemã, normalmente realizada em praças, ou em lugares abertos para serem visualizadas pelo público. As grandes queimadas de livros significam uma censura resultante de uma enorme intolerância à cultura e à livre opinião religiosa, política expressada nos materiais em questão.

A queima dos livros pelos nazistas em maio de 1933, tornou-se um marco na história da humanidade, no que diz respeito à intolerância à cultura, “decapitando” tantos e tantos livros de suas bibliotecas, livrarias e casas. Esse evento causou comoção no mundo todo, fazendo intelectuais de vários países ficarem perplexos com as barbáries cometidas pelos nazistas, não só os intelectuais estavam comentando, mas os meios de comunicação também faziam tiragem diariamente sobre o tema, fazendo o jornal norte americano publicar pela primeira vez a notícia nomeando o caso como bibliocausto, comparando o evento com o holocausto, mas não de humanos, mas sim de livros.

Enquanto dentro da Alemanha, era investida uma intensa propaganda contra os livros e outros materiais, destinando-os a trágica fogueira, fora da Alemanha, mais especificamente nos Estados Unidos da América, foi realizada uma fervorosa campanha para salvar a memória dessas obras destruídas, campanha esta feita pelos bibliotecários, políticos e membros das forças armadas.

Neste capítulo, veremos quem dentro da população alemã temia e odiava os livros, a ponto de fazerem grandes fogueiras para eliminá-los, e em quais lugares se sucederam essas queimadas, mapeando os principais eventos das grandes fogueiras. E quais cidades colaboraram com essas queimadas, e em quais circunstâncias elas aconteciam, e por último falaremos das ações que combateram o bibliocausto, e quais instituições tomaram essa atitude.

## 4.1 O ÓDIO CONTRAS OS LIVROS

Depois da primeira guerra mundial, a Alemanha começou a transformar suas instituições, Hitler mesmo não sendo alemão, foi colocado no posto de estadista idôneo, para resgatar a autoestima do povo alemão, e já neste posto, começou a atacar e perseguir tudo o que dizia contrário aos ideais alemães, e assim conseguiu admiração de muitos homens como Joseph Goebbels. Então, Goebbels se aproveitando que Hitler tinha os mesmo ideais, ou até mesmo mais, conseguiu convencê-lo a tomar medidas drásticas, levando a censura ao extremo, se utilizando de um novo órgão do Estado, o Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda (Ministério do Reich para a Educação do Povo e para a Propaganda). Hitler tinha confiança absoluta em seu amigo, dando cem por cento de autonomia em suas ordens. Goebbels tinha sido dispensado do exercito por ser coxo, então fez doutorado em filosofia em Heidelberg em 1922. Também era um leitor assíduo de grandes clássicos gregos, lia obras de grandes escritores como Max e Nietzsche, e os admirava. Atrevia-se até a escrever alguns textos dramáticos ou em outras vezes recitava poemas de memória. Mas agora, Goebbels, tinha total controle sobre a educação e promoveu uma mudança drástica nas escolas e universidades. Em Abril de 1933 enviou um memorando às organizações estudantis nazistas propondo a destruição dos livros considerados perigosos.

“Qualquer material daquela época”, pedia o jornal — “jornais, cartazes, livros, bandeiras —, assim como qualquer propaganda de nossos inimigos que seja encontrada, deve ser levado ao escritório do Partido Nazista, na rua Munique.” Até a Schiller Strasse — a rua das estrelas amarelas —, que ainda estava à espera de uma reforma, foi saqueada pela última vez, a fim de se encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ser queimada em nome da glória do Führer. Não seria surpresa se alguns membros do partido se afastassem e publicassem uns mil livros ou cartazes de material moral venenoso, simplesmente para incinerá-los. Estava tudo preparado para produzir um magnífico 20 de abril. Seria um dia repleto de queimação e vivas. E furto de livros. (ZUSAK, 2013, p.103)

Este trecho do livro “A menina que roubava livros”, mesmo que uma ficção, nos mostra uma pequena visão de como a censura tomava de conta de cada casa na Alemanha Nazista, incentivando cada cidadão a procurar por menor que

seja qualquer vestígio de algo, que possa ser considerado agressivo a honra do fuhrer ou da Alemanha. Já estavam se preparando para o grande evento, a grande queima de livros e materiais que podiam ser queimados. Isso provocou uma grande histeria, mesmo que silenciosa, fazendo que muitos cidadãos por pura precaução comesçassem a vascular cada metro quadrado de sua casa a procura de qualquer conteúdo escrito que pudesse lhe causar problemas. De acordo com os relatos de Manning (2015), ao ser avisado a um cidadão alemão de que sua casa deverá esta “realmente limpa” quase que imediatamente eram obrigados a queimar seus livros e papéis, e já no dia posterior ao aviso sua casa passava por uma busca.

Sabe, talvez lhe digam que a Alemanha nazista ergueu-se sobre o antissemitismo, sobre um líder meio exagerado no entusiasmo e uma nação de fanáticos cheios de ódio, mas tudo teria dado em nada se os alemães não adorassem uma atividade em particular: Queimar. Os alemães adoravam queimar coisas. Lojas, sinagogas, Reichstags, casas, objetos pessoais, gente assassinada e, é claro, livros. Adoravam uma boa queima de livros, com certeza — o que dava às pessoas que tinham predileção por estes uma oportunidade de pôr as mãos em certas publicações que de outro modo não conseguiria. (ZUSAK, 2013)

Mais uma vez Markus Zusak em seu livro, através da personagem Liesel, nos dá uma visão de como estava a situação das ruas da Alemanha e dado o fetiche dos alemães em querer queimar as coisas, como se fosse uma purificação, erguendo suas chamas em quase tudo que fosse e tivesse ligação com os Judeus, essa obsessão por queima podia notar-se em objetos, casas, lojas, sinagogas e é claro, livros. Atos esses que precediam atos muitos mais cruéis como queimar corpos, vivos ou mortos.

Ainda em 1933 Joseph Goebbels, com apoio total de Hitler, já havia iniciado uma mudança radical nos pensamentos da cultura alemã, moldando-as nos objetivos visionários Nazistas. Logo depois de ter êxito sobre as artes, Goebbels voltou-se para as organizações religiosas Judaicas, através de proibições de manifestações de culto, e claro, através de fogo, queimando os templos dos Judeus. Posteriormente atacando agora as universidades, direcionando para as obras que não estavam em sua conformidade. (URWAND, 2014)

As primeiras queimas ocorreram de março a abril de 1933 como parte de uma onda de terror nazista contra partidos, sindicatos e organizações de



esquerda. As SA e as SS invadiram sistematicamente seus edifícios em todo o território alemão, sempre ao dia, destruindo instalações e equipamentos de trabalho, e em muitos casos, lançaram livros, arquivos, folhetos, móveis e bandeiras nas ruas, ateando gasolina e incendiando-os. Esses eventos sempre eram públicos, mas não planejadas. Protegidos e apoiados pela polícia, eles apenas convidaram convidados, mais "espectadores", passantes em seu caminho para o trabalho, que servisse de aviso.

**Figura 7** - Sinagoga em oberramstadr em chamas



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

**figura 8** – Livros e objetos da editora Dresdner Volkszeitung sendo queimados



Fonte: United States Holocaust Memorial

Todos esses eventos de barbáries, já se mesclavam com o movimento nazista dos estudantes das universidades alemãs, já no final de 1920, muitos universitários levantavam a bandeira hitleriana, defendendo ferrenhamente suas ideologias. A força do antissemitismo já se encontrava com os jovens de classe média secular, onde se organizavam em grupos que se opunham contra o governo de Weimar, e vinham no governo de Hitler uma boa oportunidade de expressar suas hostilidades políticas, e agora com todo apoio de Goebbels, estando à frente dos meios de comunicação, era o momento certo.

Em abril de 1933 a associação estudantil alemã proclama um ato nacional contra o espírito não germânico, onde possam “limpar” a literatura do país, uma “limpeza” pelo fogo. Suas filiais tinham que fornecer para a imprensa boletins e encomendar artigos em prol dos nazistas, também tinham que organizar eventos onde as autoridades nazistas pudessem falar para o povo, sempre utilizando todos os meios de comunicações para abranger todas as massas. Foi então que em 8 de abril daquele mesmo ano, a associação estudantil alemã, publicou os doze “artigos” onde se apresentavam os conceitos e requisitos para uma nação pura, essa publicação atacava principalmente o intelectualismo judaico, defendia a necessidade de “depuração” do idioma e da literatura alemães, e exigia que universidades se

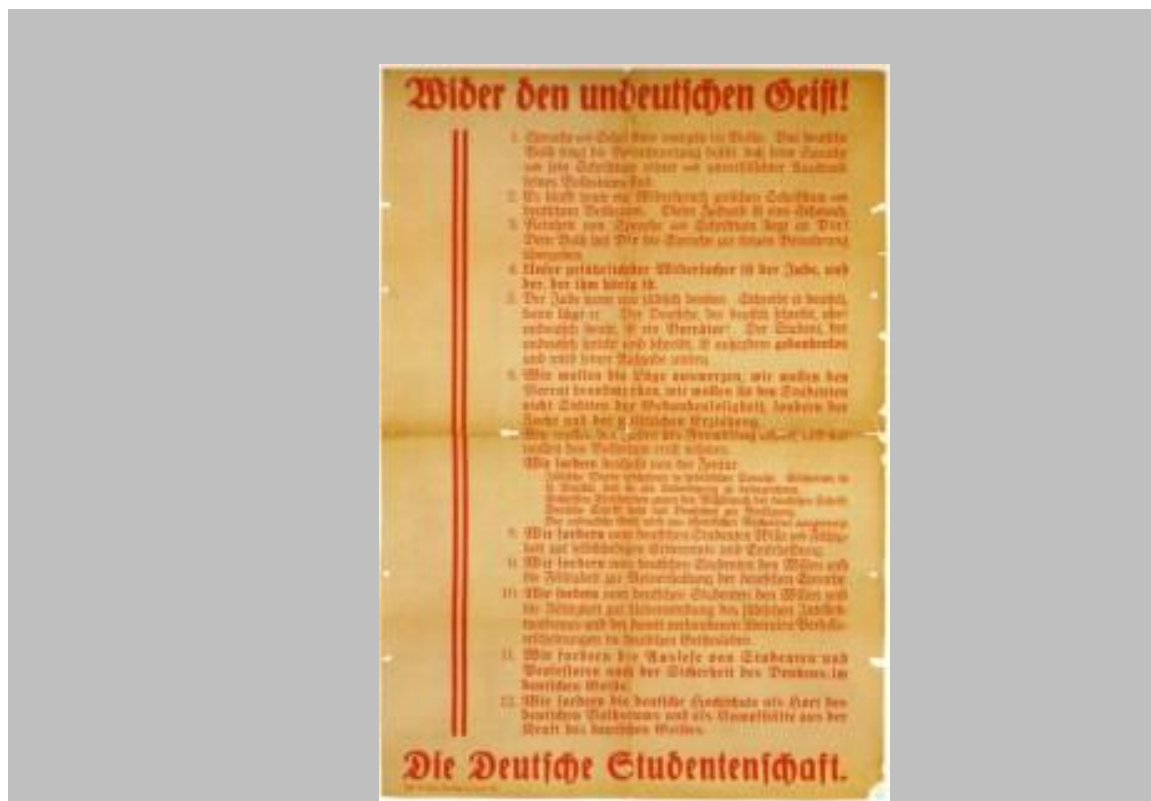
convertessem em centros do nacionalismo alemão. Os estudantes alemães descreveram o ato como uma reação à "difamatória campanha" mundial empreendida pelos judeus contra a Alemanha e uma afirmação dos valores tradicionais alemães. (USHMM, ca, 2014)

A pedido dos alunos, professores, policiais, bibliotecários, professores e reitores apoiaram as ações, que muitas vezes não entraram em suas posições até 1933. O texto do cartaz em seus cinco primeiros pontos apresenta brevemente uma ideia nacionalista de linguagem e cultura, o que pressupõe que os judeus não poderiam ser alemães. Está ligado a um diagnóstico presente.

1. A linguagem e a literatura estão enraizados nas pessoas. O povo alemão é responsável pelo fato de que seu idioma e sua literatura são a expressão pura e despreocupada de sua nacionalidade
2. Existe hoje uma contradição entre literatura e folclore alemão. Esta condição é uma desgraça.
3. A pureza da linguagem e da literatura depende de você! Seu povo lhe deu o idioma para uma preservação fiel.
4. Nosso adversário mais perigoso é o judeu e aquele que é obediente a ele
5. O judeu só pode pensar judeu. Se ele escreve alemão, então ele mente. O alemão que escreve o alemão, mas pensa que o alemão é um traidor! O estudante que fala e escreve enquanto isso também é irrefletido e infiel em sua tarefa. (TRADUÇÃO NOSSA)

O Cartaz, "12 Teses Contra o Espírito Não-Alemão", foi recebido pelos grupos de estudantes das universidades em 9 de abril. Alfred Baeumler, filósofo e pedagogo, do Instituto de Educação Política da Universidade Friedrich Wilhelm em Berlim, fez campanhas e algumas sugestões de alteração, o que agravou ainda mais o conteúdo do cartaz. Quando Baeumler realizou sua conferência inaugural em Berlim em 10 de maio, isso coincidiu com o "clímax" da campanha, a queima pública dos livros coletados no mesmo dia. O título de sua palestra inaugural foi "Contra o espírito alemão". Nela, colocou a próxima queima de livros em consonância com o "Dia de Potsdam" (21 de março de 1933) e o "Dia do Trabalho Nacional" em 1º de maio de 1933.

**figura 9** – Cartaz distribuído nas universidades alemãs “12 teses contra o espírito alemão



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

**figura 10** – Estudantes alemães reúnem livros que eles consideram "não-alemães."



Fonte: United States Holocaust Memorial

Tudo estava pronto, o ambiente hostil já estava em todos os lugares, nas casas, lojas, bares, ruas e principalmente nas escolas e universidades, Goebbels juntamente com seus assessores e líderes estudantis tinha preparado todo o terreno, agora era só por em prática. Uma febre crescia entre os estudantes alemães, Hitler e Goebbels não podiam estar se sentindo melhores, tudo quase se estava indo por conta própria, agora era só selecionar os livros que seriam queimados, mas isso precisou de um estudo minucioso dos autores e livros que pudessem ser contra o “espírito alemão”.

Juntamente com os cartaz das “12 teses contra os espírito alemão” a lista negra foi elaborada para fortalecer e direcionar o ódio contra os “inimigos” do povo alemão, agora era papéis contra papéis, a lista negra junto com as 12 teses, eram distribuídos em todos os lugares, para selecionar e destruir mais outros tantos livros e documentos. Agora começa o bibliocausto, selecionar, juntar e destruir, tudo isso em um evento para ser lembrado por todos.

## 4.2 AS GRANDES QUEIMADAS

Em paralelo ao cartaz das 12 teses, que estava sendo distribuído pelas praças, casas e universidades, estava sendo criado um comitê para a reorganização da cidade de Berlim e bibliotecas públicas, este comitê foi criado a partir de três líderes de bibliotecas públicas, mas o que “encabeçou” essa liderança foi o membro do conselho de administração Dr. Wolfgang Herrmann. Uns dos principais responsáveis das “limpezas” dos livros das bibliotecas Públicas e universitárias. (bibliothek verbrannte bucher, ca. 2015)

Wolfgang Herrmann inspirado pelos estudantes alemães nazistas, teve a idéia de listar as obras que em sua concepção, eram contra o espírito alemão, e assim ele fez várias listas negras, que inicialmente eram para serem usadas apenas em Berlim e em seus arredores, Herrmann como bibliotecário, começou a enviar a lista para outras bibliotecas e finalmente para o movimento estudantil alemão nazistas, em 1 de maio já constava em sua lista 127 nomes de autores, agora em posse dos estudantes nazistas. O bibliotecário Herrmann, enviou muitos mais listas,

catalogadas por áreas do conhecimento, e a delimitação dos grupos individuais ou a questão de quem era o inimigo real ao compilar as listas não foi uma tarefa tão fácil, Herrmann se resguardou ao criar um documento de política pelo comitê de reorganização, onde declara no segundo parágrafo do documento:

"A luta é dirigida contra os fenômenos de decomposição da nossa forma de pensar e viver, isto é, contra a literatura de asfalto, que é escrita principalmente para as pessoas urbanas, para encorajá-lo e desarraigá-lo totalmente em sua relação com o meio ambiente, com as pessoas e com todas as comunidades. " ( bibliothek verbrannte bucher, ca. 2015)

Infelizmente vários outros tantos bibliotecários se juntaram ao ato de Herrmann, multiplicando o numero de listas negras espalhadas pela Alemanha, listas estas que foram utilizadas como instrumentos dos movimentos estudantis nazistas para promover o maior ato de destruição de livros que os alemães poderiam presenciar. Já estava tudo preparado, os cidadãos já estavam cientes e as autoridades nazistas estavam convidadas para a grande noite.

**figura 11** - Um cartaz do corpo estudantil da Universidade de Würzburg convida estudantes e cidadãos a "limpar" as bibliotecas. Local de entrega: Studentenhaus, onde, aparentemente, havia uma "lista detalhada".



Fonte: United States Holocaust Memorial



Em toda a Alemanha, principalmente nas cidades universitárias, montanhas de livros ou suas cinzas se acumulavam nas praças. Hitler e seus comparsas pretendiam uma "limpeza" da literatura. Tudo o que fosse crítico ou desviasse dos padrões impostos pelo regime nazista foi destruído. Centenas de milhares de livros foram queimados no auge de uma campanha iniciada pelo diretório nacional de estudantes. (BAEZ,2004, p. 297)

O poeta nazista Hanns Johst foi um dos que justificou a queima, logo depois da ascensão do nazismo ao poder, com a "necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura alemã". Assim como desde a pré-história, se acreditava nos poderes purificadores do fogo, o regime de propaganda do Joseph Goebbels, pretendia destruir todos os fundamentos intelectuais.

A opinião pública e a intelectualidade alemã ofereceram pouca resistência à queima, mesmo por que, como vimos nos capítulos anteriores, já vinha sendo trabalhado os pensamentos dessas pessoas, por meio de propaganda ou por meio de força. Editoras e distribuidoras reagiram com oportunismo, enquanto a burguesia tomou distância, passando a responsabilidade aos universitários. Também os outros países acompanharam a destruição de forma distanciada, chegando a minimizar a queima como resultado do "fanatismo estudantil".

O 10 de maio foi um dia agitado. Membros da Associação de Estudantes Alemães se acotovelaram na biblioteca da Universidade Wilhelm von Humboldt e começaram a recolher os livros proibidos. Havia uma euforia inesperada, contagiante. Esses livros, juntamente com os recolhidos em centros como o Instituto de Pesquisa Sexual ou nas bibliotecas de judeus aprisionados, foram transportados para Opernplatz. (BAEZ,2004, p. 299)

Quando já estava de noite em 10 de maio de 1933, caía uma chuva fina, mas nem isso freiou a multidão de jovens e espectadores que estava ali para assistir o grande evento, estudantes marchavam aos milhares vestidos com suas fardas das universidades, cantando em coro segurando tochas incandescentes, caminhando para a praça *Opernplatz*, uma famosa praça de Berlim, por localizar-se em frente a universidade Friedrich Wilhelm e a ópera de Berlim. A praça ficou simplesmente lotada, como Manning (2015, 15p), nos diz estatisticamente, quarenta mil pessoas



aglomeravam-se na praça ara assistir ao espetáculo enquanto outras quarenta mil se reuniam marchando junto à parada.

No centro na praça a pira de madeira já estava montada, com mais ou menos 1,5 metro de altura. Conforme os primeiros grupos de estudantes iam chegando na praça, jogavam suas tochas na pira, acendendo-a, em poucos minutos a pira estava totalmente acesa, com seu fogo alcançando uma altura enorme, clareando todo o local, nem a chuva fina que caia naquela noite, impediu a multidão de ficar no evento, muito menos impediu aquela enorme pira de ser acesa, agora tínhamos o fogo, os espectadores, os responsáveis, só faltavam os livros.

Terminada a marcha, as divisões da Juventude Hitlerista tiveram permissão de se dispersar. Teria sido quase impossível mantê-los todos juntos, enquanto a fogueira ardia em seus olhos e os deixava alvoroçados. Juntos, eles gritaram um “heil Hitler” em uníssono e ficaram livres para perambular... Usaram-se carroças para transportar tudo. A tralha foi jogada no meio da praça central e encharcada de um líquido doce. Os livros, papéis e outros materiais escorregavam ou despençavam, mas eram atirados de novo na pilha. De uma distância maior, aquilo parecia uma coisa vulcânica. Ou algo grotesco e estranho que, de algum modo, tivesse sido milagrosamente descarregado no meio da cidade e precisasse ser destruído com um atizador, e rápido. O cheiro aplicado aos papéis inclinou-se para a multidão, mantida a uma boa distância. Havia bem mais de mil pessoas, no chão, na escadaria da Prefeitura e nos telhados que cercavam a praça. (ZUSAK, 2013, p.94)

A juventude Hitleriana era bem organizada, como verdadeiros soldados, eles se alinhavam entre as multidões e os carros, os organizadores do evento se preocuparam em se certificar de que tudo seria gravado e registrado, e que seria transmitido para todos os cidadãos alemães que não estiverem lá, todo o evento seria transmitido pelo rádio, o qual o ministro da propaganda, Goebbels, já dominava. As pilhas de livros já tinham chegado, ou a grande maioria, vinha transportada por carroças e caminhonetes, eram grandes volumes, pilhas bem altas de livros e outros materiais que poderia ser queimados. Então o ato começou com um estudante que ao pegar um dos livros dos montes, passou de mão em mão até chegar aos jovens mais próximos da fogueira, ele o arremessou para a fogueira, e então toda multidão numa euforia começou a aplaudir. Neste instante todos podiam agora pegar um livro e arremessá-lo contra a fogueira. Manning (2015, 15p). Os jovens nazistas tinham

preparado seus próprio discurso. Em cada estrofe de suas falas, eram jogadas na fogueira a obra mencionada:

Contra a decadência em si e a decadência moral. Pela disciplina, pela decência na família e na propriedade. HEINRICH MANN, ERNST GLAESER, E. KAESTNER.

Contra o pensamento sem princípios e a política desleal. Pela dedicação ao Povo e ao Estado. F. W. FOERSTER.

Contra o esfacelamento da alma e o excesso de ênfase nos instintos sexuais. Pela nobreza da alma humana. ESCOLA DE FREUD.

Contra a distorção de nossa história e a diminuição das grandes figuras históricas. Pelo respeito ao nosso passado. EMIL LUDWIG, WERNER HEGEMANN.

Contra os jornalistas judeus democratas, inimigos do Povo. Por uma cooperação responsável para reconstruir a nação. THEODOR WOLFF, GEORG BERNHARD.

Contra a deslealdade literária perpetrada contra os soldados da Guerra Mundial. Pela educação da nação no espírito do poder militar. E. M. REMARQUE.

Contra a arrogância que arruína o idioma alemão. Pela conservação do mais precioso direito do Povo. ALFRF.D KERR.

Contra a impudícia e a presunção. Pelo respeito e a reverência devida à eterna mentalidade alemã. TUCHOESKY, OSSIETZKY. (BAEZ,2004, p. 301)

A fogueira foi colocado um palanque e um microfone onde seriam dito os nomes dos autores que constavam na lista negra, os estudantes estavam com esses livros segurando em suas mãos, conforme esses nomes eram ditos no palanque, eles iam jogando os livros na fogueira. Alguns estudantes carregavam mais de um livro para alimentar a fogueira. O evento foi pausado momentaneamente para que um dos estudantes pronunciasse algumas palavras e explicasse do porquê da queima dos livros. Foi dito que aquele evento era para a purificação da literatura alemã, que era necessário para se proteger da contaminação estrangeira que assolava a Alemanha. Então a queima continuou.

**figura 14** - Queima de livros em Berlim. Alemanha, 10 de maio de 1933.



Fonte: United States Holocaust Memorial

**Figura 15** - Livros "não-alemães" são queimados na *Opernplatz* (Praça da Ópera).

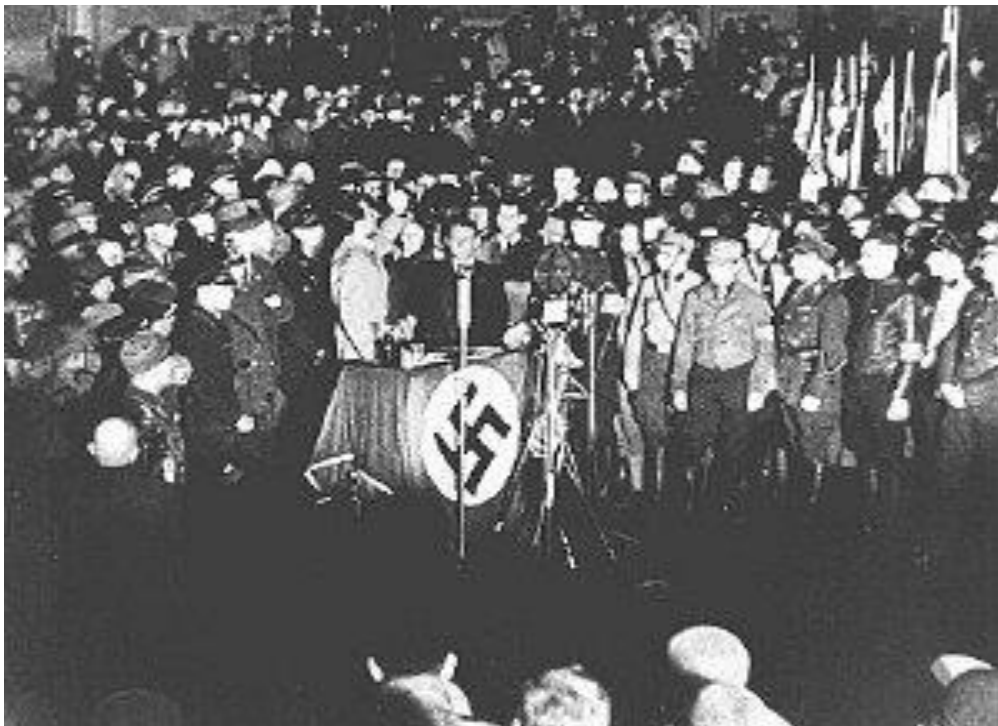


Fonte: United States Holocaust Memorial

A queima só parou quando Goebbels subiu na tribuna, as bandas pararam de tocar, os jovens pararam de jogar livros, todos se voltavam para o que o ministro da propaganda ia dizer. No vídeo encontrado no site de vídeos da internet, através da página USHMM (ca.2015), podemos ver a eloquência de sua fala e como consegue prender a atenção dos jovens ali presentes, e o quanto odiosa é sua fala contra a literatura estrangeira. E elogia o ato do movimento estudantil Hitleriano.

Meus compatriotas, estudantes, homens e mulheres alemães, a era do intelectualismo judeu chegou ao fim. O triunfo da revolução alemã abriu um caminho para o estilo alemão; e os futuros alemães não serão apenas homens de livros, mas homens de caráter, e é para este fim que queremos educá-los. Para que tenham, desde a mais tenra infância, a coragem de olhar diretamente nos olhos impiedosos da vida. Para repudiar o medo da morte e reconquistar o respeito por ela. Esta é a missão dos jovens, por isso vocês estão certos de, nesta hora tardia, entregar o lixo intelectual do passado às chamas. É uma forte, grandiosa e simbólica responsabilidade, uma responsabilidade que irá provar a todo o mundo que a base intelectual da República de Weimar está sendo derrubada agora; mas que a partir das ruínas irá crescer, vitorioso, o senhor de um novo espírito. GOEBBELS, 1933 (tradução do autor)

**Figura 16** - Joseph Goebbels, ministro da propaganda alemão, discursa na noite da queima dos livros



Fonte: United States Holocaust Memorial

Por mais que tenha dito que a queima de livros de 10 de maio de 1933, tenha sido organizada pelo movimento estudantil Hitleriano, por trás disso as grandes cabeças do nazismo estavam apoiando e incentivando todo esse evento. E quando Goebbels subiu para dar seu depoimento, isso ficou bem claro. Goebbels desconfiava dos autores de pensamentos mais abertos, de ideologias mais progressistas, então como ministro da comunicação, moldou a sociedade com seu poder de influência, como vimos nos capítulos anteriores. Em seu discurso, ele fala que agora a alma do povo alemão pode se expressar, e que as chamas simbolizam a nova era, e que iluminam uma vida nova.

As labaredas cor de laranja acenavam para a multidão, à medida que papel e tinta se dissolviam dentro delas. Palavras em chamas eram arrancadas de suas frases. Do outro lado, para além do calor das formas indistintas, era possível ver as camisas pardas e as suásticas dando as mãos. Não se via gente. Apenas uniformes e símbolos. (ZUSAK, 2013, p 101)

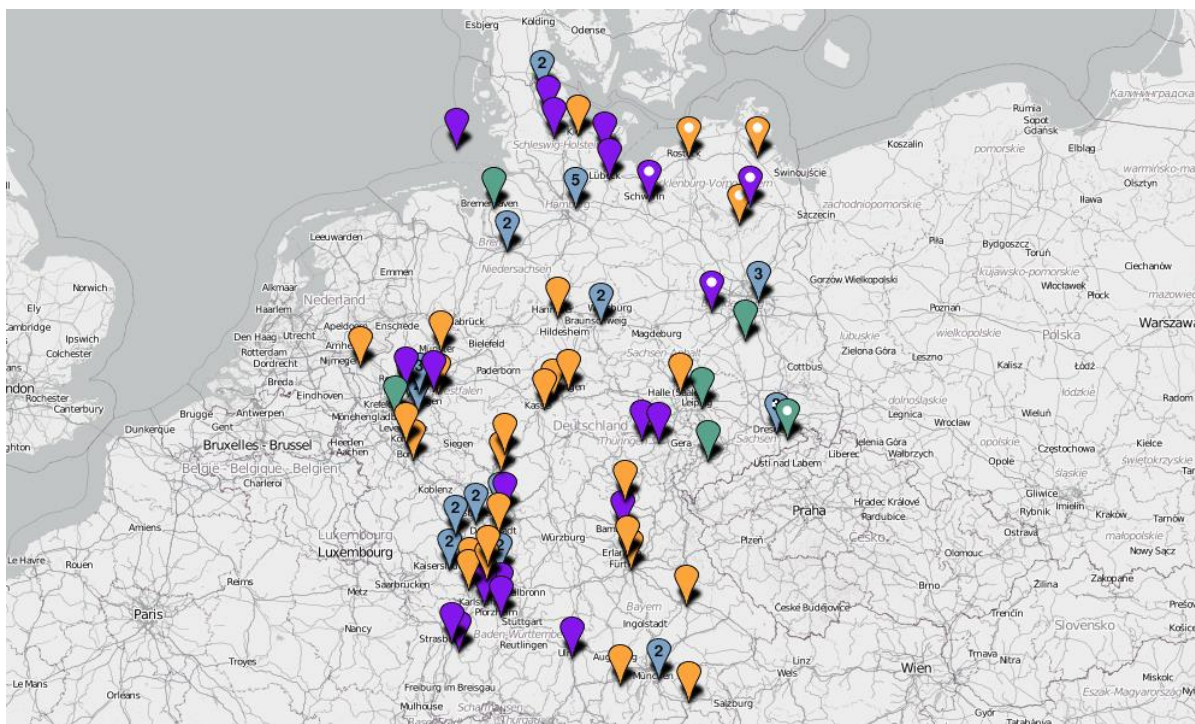
Logo após seu discurso de Goebbels, os jovens voltaram a arremessar os livros que ainda sobraram nas carroças e pilhas no chão, agora ao som da canção "A nação às armas", nesse dia foram queimados mais de 25.000 livros considerados não-alemães, um mal presságio do que estaria por vir. Porém, nem todas as queimas de livros aconteceram naquele dia, como a Associação Estudantil havia planejado. Algumas foram adiadas por alguns dias por causa das chuvas, outras aconteceram em 21 de junho, no solstício de verão, uma data festiva tradicional. Todavia, no dia 10, em 34 cidades universitárias por toda a Alemanha, o "Ato contra o Espírito Não alemão" foi um sucesso, atraindo ampla cobertura jornalística. Em alguns lugares, particularmente em Berlim, as emissoras de rádio transmitiram "ao vivo" os discursos, as canções e as frases de efeito para inúmeros ouvintes alemães.

A operação, cujas características se mantiveram em segredo até esse instante, revelou logo sua verdadeira dimensão porque no mesmo dia 10 de maio foram queimados livros em várias cidades alemãs: Bonn, Braunschweig, Bremen, Breslau, Dortmund, Dresden, Frankfurt/Main, Göttingen, Greifswald, Hannover, Hannoversch-Münden, Kiel, Königsberg, Marburg, Munique, Münster,

Nuremberg, Rostock e Worms. Finalmente se deve mencionar Würzburg, em cuja Residenzplatz se incineraram dezenas de escritos. . (BAEZ,2004, p. 307)

Depois daquela noite, a Alemanha nunca mais foi a mesma, enquanto a queima de livros seguia para as outras cidades da Alemanha, os nazistas também perseguiram não só os autores, mas também quem seguia as mesmas ideologias, ou até mesmo se simpatizasse com seus livros. Goebbels insistiu na queima de livros proibidos. Não houve um recanto em que os estudantes e os membros das juventudes hitleristas deixassem de destruir livros. (BAEZ 2004, 303p), como podemos ver no mapa na figura 17, muitas cidades sofreram com as queimas de livros, onde podemos dizer que as campanhas do movimento estudantil se espalharam como fogo (literalmente), quase todas as universidades da Alemanha tinham umas cópias da lista negra, assim havendo sempre a necessidade de expurgar esses títulos, sempre em praça pública, para que todos vissem e se lembrassem.

**figura 17** - Mapa das cidades onde houve queima de livros



Fonte: verbrannte-orte

Antes da grande segunda guerra começar, a Alemanha já estava em clima hostil há muito tempo, só faltava um estopim, o fogo já consumia toda literatura do país, muitos autores que constavam na lista negra viviam ainda na Alemanha, e presenciaram suas obras serem expurgadas em praça. Baez (2014) traz alguns desses autores censurados:

...Nathan Asch, Scholem Asch (1880-1957), Henri Barbusse (1873-1935), Richard Beer-Hofmann (1866-1945), Georg Bernhard, Günther Birkenfeld, Bertolt Brecht (1898-1956), Hermann Broch (1886-1951), Max Brod (1884-1968), Martin Buber (1878-1965), Robert Carr, Hermann Cohen (1842-1918), Otto Dix (1891-1969), Alfred Döblin (1878-1957), Casimir Edschmid (1890-1966), Ilia Ehrenburg (1891-1967), Albert Ehrenstein (1886-1950), Albert Einstein (1879-1955), Lion Feuchtwanger (1884-1958), Georg Fink, Friedrich W. Foerster (1869-1966), Bruno Frank (1887-1945), Sigmund Freud (1856-1939), Rudolf Geist, Fiodor Gladkow, Ernst Glaeser (1902-1963), Iwan Goll (1891-1950), Oskar Maria Graf (1894-1967), George Grosz (1893-1959), Karl Grünberg, Jaroslav Hasek (1883-1923), Walter Hasenclever (1890-1940), Werner Hegemann, Heinrich Heine (1797-1856), Ernest Hemingway (1899-1961), Georg Hermann (1871-1943), Arthur Holitscher (1869-1941), Albert Hotopp, Heinrich Eduard Jacob, Franz Kafka (1883-1924)... (BAEZ 2014, 309p)

A lista completa das obras e autores censurados está no ANEXO A desta monografia, onde poderemos ver o quanto foi extensa a lista negra dos estudantes Hitlerianos. Muitos autores não conseguiam expressar seus sentimentos ao serem noticiados de tal evento, por estarem sob território alemão, mas outros como Sigmund Freud, ao ser entrevistado por uma jornalista sobre seus livros queimados disse “Na Idade Média eles teriam me queimado. Agora se contentam em queimar meus livros [...]” (BAEZ 2014, 309p), o bibliocausto chegou nos noticiários do mundo todo, e grandes autoridades do governo e das bibliotecas juntamente com alguns autores, se manifestaram contra esse evento. O poeta Bertolt Brecht repudiou a queima, se manifestando em seu poema:

Quando o regime ordenou, aos livros com sabedoria perigosa  
Queimar em público, carretas os levaram às fogueiras, E todos os  
bois foram forçados a fazê-lo, mas Um dos poetas perseguidos ao  
analisar, com cuidado, A lista dos queimados, ficou estupefato, pois



seu livro Fora esquecido. E foi voando com as asas da ira a seu escritório e escreveu uma carta às autoridades. "Queimem-me!" escreveu com grande pesar. "Queimem-me! Não façam isso comigo! Não disse Sempre a verdade em meus livros? E agora me tratam vocês como se fosse mentiroso! Ordeno: Queimem-me!" (Brecht Apud BAEZ 2014, 305p)

De acordo com várias estimativas, entre 1933 e 1945, cerca de 100 milhões de livros foram queimados em Berlim e outras cidades da Alemanha e isso se estendeu em outros países ocupados pelo nazismo. Dessa forma países como os Estados Unidos que estava prestes a entrar na linha de frente no campo de batalha com a Alemanha, viu ser necessário entrar em guerra no campo da literatura para tentar minimizar o estrago causado pelo bibliocausto, e mesmo porque muito dos livros censurados pelos nazistas eram de autores americanos, agora passava a ser pessoal.

**Figura 18** - livros sendo queimados em outra cidade da Alemanha



Fonte: United States Holocaust



### 4.3 AS AÇÕES PARA COMBATER O BIBLIOCAUSTO

Como foi visto nos capítulos anteriores, os nazistas não faziam questão nenhuma de esconder seus atos insanos de queimas de livros, pelo contrário, eles se utilizaram de todos os meios possíveis de comunicação e propagação dessas informações para que o mundo soubesse que eles estavam se livrando desses livros considerados perigosos para o espírito alemão. Jornais do mundo todo noticiaram o acontecido, então os jornais dos Estados Unidos explicaram que a guerra estava sendo travada em duas frentes, confidencialmente igual ao que Hitler falou em seu biografia *Mein Kampf*, Manning (2004) diz em seu livro que o jornalista do jornal New York Times explicou em sua notícia “Há duas séries de conflitos ocorrendo simultaneamente: os conflitos verticais, em que os países lutam uns com os outros, e os horizontais, que são ideológicos, políticos, sociais e econômicos”. Assim dessa forma, uma preocupação se abateu sobre as lideranças intelectuais, pois agora a ameaça era total, pois Hitler almejava destruir não só os ideais das outras nações, mas sua liberdade de expressão.

Foi quando a associação de biblioteca americana, (A American Library Association - ALA), se movimentou para se opor contra Hitler e suas queimadas, pois os bibliotecários se sentiam no dever moral de combater a destruição da cultura. Foi quando a ALA publicou (MANNING, 2004, p. 22) “o objetivo de Hitler era a destruição de ideias, mesmo naqueles países não envolvidos em combate militar”. No começo do ano de 1941, os bibliotecários da ALA se organizaram para conduzir ideias de como poderiam defender seus autores dos ataques a seus livros, e chegaram à conclusão de que a melhor maneira era combater com o próprio livro, como diz

Ao estimular o norte-americano a ler... A queima de livros significaria um contraste marcante. Enquanto Hitler procurava fortalecer o fascismo destruindo a palavra escrita, os bibliotecários encorajavam os norte-americanos a lerem mais. De acordo com um bibliotecário, se *Main Kampf*, de Hitler, era capaz de incitar milhões de pessoas a lutar em favor da intolerância, da opressão e do ódio, outros livros não poderiam ser encontrados para incitar outros milhões de pessoas a lutar contra aquilo? (MANNING, 2004, p. 29).

Bibliotecários americanos lutaram contra a destruição dos livros pela Alemanha. Eles incentivaram os americanos a ler para armar suas mentes contra a intolerância e o ódio. Quase dez anos depois da grande queima na Praça Opernplatz na Alemanha, se levantava nos Estados Unidos o espírito de se salvar as memórias daqueles livros destruídos. A ideia era armar os soldados americanos que estavam em frente de batalha com o maior número de livros possível. Começou-se uma campanha de juntar livros para esses soldados, movimento esse que fez até editoras rivais se unirem, celebridades e políticos apoiarem essa campanha, e claro, bibliotecas de várias cidades americanas.

Os norte-americanos já tinha experiência com campanha a favor dos livros, logo após da primeira guerra mundial, o departamento de guerra decidiu criar o Army Library Service (Serviço de Biblioteca do Exército), afim de “dar visibilidade e importância dos livros para os soldados, tornando-os um artigo de necessidade”. Manning (2004) nos conta o que o coronel Edward Munson, chefe do departamento do Moral do exército disse em seu depoimento: “Os livros eram considerados não só um meio valioso de recreação, mas também um canal para a melhora do caráter e do comportamento. A guerra era mais um choque de vontade do que armas”.

Infelizmente a Army Library Service não teve progresso depois que a primeira guerra acabou, por falta de recursos financeiros o projeto ficou sem manutenção, assim tendo que ser recolhidos seus exemplares e distribuído para as bibliotecas estaduais para serem usados de forma mais ampla. Assim dessa forma, quando a campanha para recolher livros para o exército, tiveram muito mais trabalho, pois as bibliotecas das forças armadas estavam abandonadas, desatualizadas e carentes de estrutura.

Os oficiais sabiam da experiência da Primeira Guerra Mundial, que fornecer muitos livros para militares durante a guerra poderia estimular a moral e a necessidade se mostrou urgente depois que os Estados Unidos começaram a mobilizar um grande número de tropas em 1940. A Biblioteca do Estado de Oregon extraiu uma “carta recebida de um rapaz em um acampamento de Oregon “datado de 10 de dezembro de 1941, no qual o servo queria” descobrir as possibilidades de obter algum tipo de início para uma biblioteca aqui no acampamento”. Como você sabe, os companheiros precisam muito de qualquer saída positiva para emoções e energias reprimidas. (BOOKSFORVICTORY, 2012)

As bibliotecas públicas americanas enfatizaram a importância dos livros, durante a Primeira Guerra Mundial. a leitura foi considerada uma importante atividade patriótica. Na Primeira Guerra Mundial, a American Library Association divulgou a importância dos livros em tempo de guerra. Ele coletou dinheiro para comprar livros para soldados americanos e também hospedou um livro dirigindo, reunindo livros para enviar para campos de treinamento. Mais de um milhão de livros foram doados.

Com a indicação do bibliotecário Trautman para coordenar a campanha de coleta de livros na segunda guerra para os soldados, obteve-se um avanço imediato, Trautman se comunicou com vários bibliotecários dos outros estados pedindo ajuda e doações de livros, assim Manning (2004) nos conta o disse um bibliotecário ao propor ajuda ao Trautman:

Os livros estão disponíveis para uma quantidade surpreendente pequena de homens no serviço. Os bibliotecários dos estados consideram que, quando há tempo e inclinação para leitura, deve haver livros para ler, e assim, eles estão decididos a consegui-los. (MANNING, 2004, p. 40).

Incrivelmente a campanha se espalhou pelos Estados Unidos muito rapidamente, a campanha de doação pedia livros de todos os gêneros: ficção, histórias em quadrinhos, humor e contos. A ALA viu os esforços do bibliotecário Trautman para mobilizar tal campanha, e agora buscava um apoio federal. O que não foi difícil, pois a campanha já estava em um nível estrondoso no país, e as forças armadas já tinha noção da importância da leitura, dessa forma, a ALA conseguiu um patrocínio da cruz vermelha norte-americana de 50 mil dólares, em parceria com United Service Organizations (União dos Serviços Organizados - USO), e assim nasceu a Campanha Nacional de Defesa do Livro (NDBC), que pretendia coletar cerca de 10 milhões de exemplares no ano de 1942. (MANNING, 2004, p. 41).

Durante a Campanha do Livro, os bibliotecários estabeleceram o objetivo de coletar dez milhões de livros para as tropas americanas. Eventos especiais foram realizados para promover a campanha do livro e proteger doações. Aqui, milhares de pessoas se reúnem nos degraus da Biblioteca Pública de Nova York para doar livros. (BOOKSFORVICTORY, 2012)

Funcionários das bibliotecas de todo o estado organizaram-se rapidamente para implementar a campanha em todo o país. Reuniu-se um comitê executivo composto por um representante cada um da Cruz Vermelha e USO, bem como uma série de bibliotecários proeminentes do País. Um sistema de distribuição completo com postos de coleta, centros de classificação e depósitos regionais precisava ser desenvolvido para lidar com o fluxo de dezenas de milhares de livros dentro e fora do programa. Por causa da probabilidade de receber livros indesejados, funcionários da campanha nacional sugeriram que "bibliotecários treinados com capacidade de descarte implacável deveriam supervisionar esses depósitos". Livros com apenas "apelo feminino ou juvenil" precisavam ser explorados para um distribuidor apropriado. Era necessário criar papéis, rótulos e cartões padronizados para lidar com o rastreamento e o envio dos livros. Inventários cuidadosos do número de livros coletados precisavam passar nos boletins semanais que poderiam ser usados como "munição para o comitê da campanha". (BOOKSFORVICTORY, 2012) A publicidade era fundamental para que os voluntários montassem grandes esforços para desenvolver eventos especiais e unidades junto com o cultivo de jornais locais e estações de rádio.

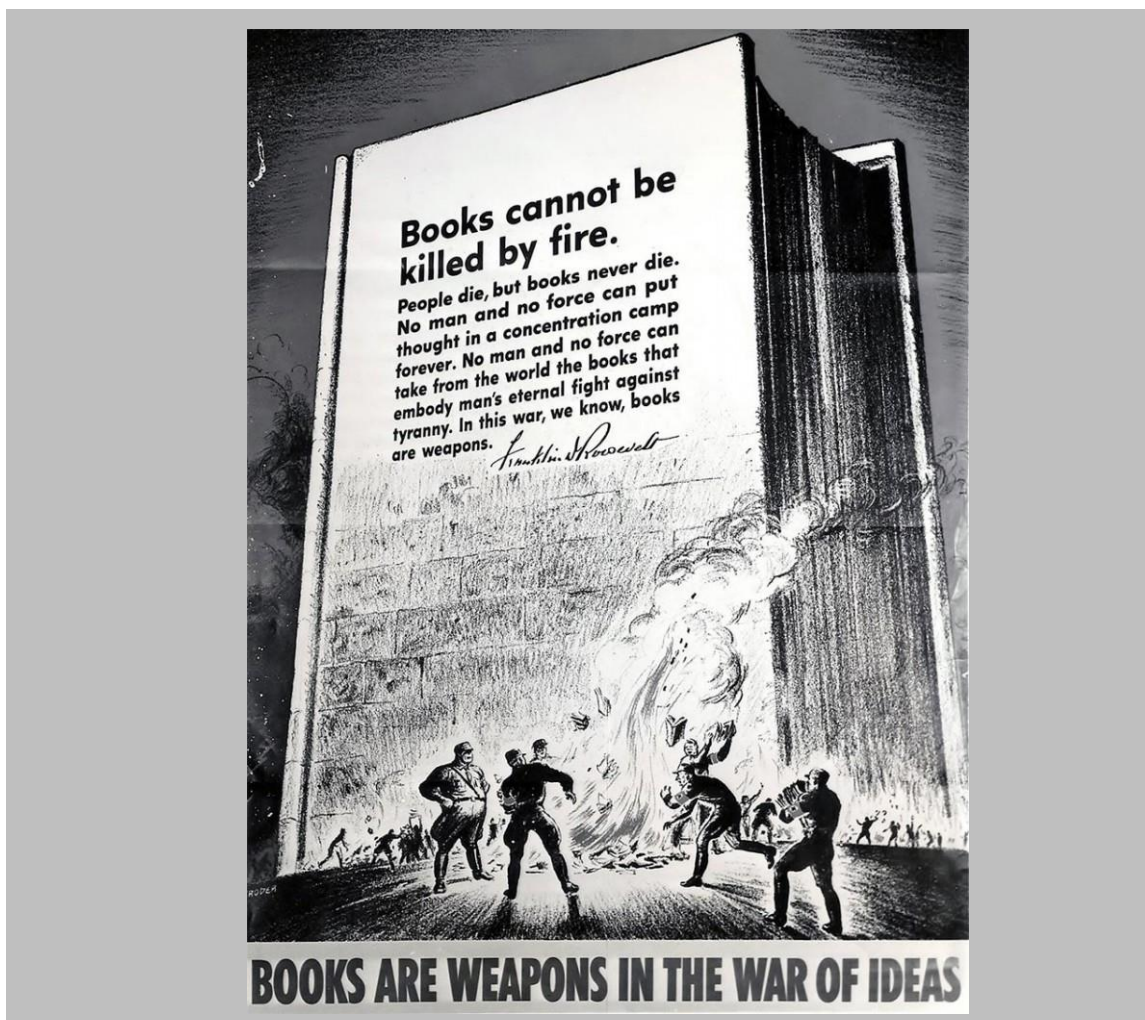
No começo do ano de 1942 a campanha da NDBC era um sucesso, até esta data já tinha coletados 423.655 livros. Então a NDBC passou a ser Victory Book Compaing (VBC), uma referência à entrada dos Estados Unidos na guerra. (MANNING, 2004).

O presidente Roosevelt doou pessoalmente livros para a campanha e pronunciou um discurso sobre a importância dos livros em tempo de guerra. Sua declaração foi feita em um cartaz, que comemorou as queimaduras de livros alemães de 1933. (BOOKSFORVICTORY, 2012)

A campanha buscou colecionar livros adequados para militares e complementar os serviços bibliotecários já mantidos pelos militares em bibliotecas em acampamentos, postagens e em navios. Além disso, os livros podem ser embalados e enviados em pequenos grupos como "Livrarias de viagem" para posições militares remotas. A campanha também proporcionaria materiais de leitura para preencher prateleiras nas bibliotecas que a Cruz Vermelha e a USO

mantiveram para militares em clubes e centros na proximidade de acampamentos militares. Todos os livros excedentes seriam entregues a bibliotecas perto de plantas de defesa industrial onde o crescimento da população deixara seus recursos desejados. Os livros que não são adequados para os militares serão doados para o corpo apropriado ou se tornarão parte das unidades.

**Figura 19** - Cartaz promovido pelo presidente Roosevelt onde diz: Livros não podem ser mortos pelo fogo.



Fonte: booksforvictory

**Figura 20** - Cartaz promovido pela Victory Book Compaing (VBC)



Fonte: booksforvictory

**Figura 21** - Coleta de livros para Victory Book Compaing (VBC)



Fonte: booksforvictory

## 5 PONDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como proposta o estudo, através de pesquisa bibliográfica, da destruição dos livros pelos nazistas durante o governo de Hitler, no ano de 1933, as respostas dadas aos objetivos foram concluídas de acordo com cada sessão deste trabalho. Onde primeiro foi discutido sobre a criação do livro *Mein Kampf*, autobiografia de Hitler. Livro este que foi uma arma fundamental para propagação dos ideais nazistas pela Alemanha.

Com uma Alemanha sofrida e recuada após terem sido derrotados na primeira guerra mundial. Hitler em sua autobiografia não conta só sua vida desde sua origem e sua relação com seus pais, mas o seu ponto de vista, como considerava que os judeus eram responsáveis por toda desgraça caída sobre a Alemanha, não só os judeus, mas todos os imigrantes, negros, ciganos, homossexuais, mas para Hitler nem essas pessoas eram tão repudiantes quanto os judeus. E foi com essas ideologias que o livro foi escrito, com toques de genialidades ao se referir como fazer propaganda e guerra, em seu livro ele ensina como liderar o povo e fazer alianças, em *Mein Kampf* podemos ver como ele era político e sabia como comandar as massas. E usou de sua influência política que conseguiu imprimir sua autobiografia, contanto com a ajuda da editora Eher Verlag, após sair da prisão.

Com a ajuda de Goebbels, seu braço direito, expandiu suas ideologias. Goebbels não teve muito esforço, pois o livro de Hitler já tinha ganhado os corações do povo alemão, ou de sua maioria, ele só teve que se preocupar com aqueles que ainda resistiam aos ideais do nazismo. Obviamente foi usada a força e violência contra essas pessoas, mas tudo disfarçado através das mídias de comunicação, Goebbels se apoderou de uma arma muito forte, o rádio, no qual transmitia seus ideais de uma forma mais ampla. Aliado a isso, voltou-se também para as escolas, museus, cinema, teatro e universidades. Assim podemos ver como estava tudo preparado para as queimas de livros, Hitler conseguiu através de seu livro que seus compatriotas o admirassem e o seguissem, seus aliados como Goebbels o ajudando a controlar a mídia, censurando as artes e culturas feitas por estrangeiros e judeus.



Então temos o dia da grande queimada, dia 10 de maio de 1933, quando os jovens estudantes Hitlerianos, organizaram um evento onde seria, segundo eles, a grande purificação da literatura alemã, onde foram queimados mais de 2 mil títulos, considerados uma contaminação na cultura alemã, aquele evento foi quase que um ritual, soldados e jovens universitários marchando simetricamente em direção a praça, grandes piras de madeiras aguardando serem acesas, e inúmeras carroças transportando os livros para serem queimados. Todo o evento contou com a participação de Goebbels, que aproveitou para promover seu discurso elogiando a iniciativa dos jovens universitários e explicando qual a importância daquele fogo que consumia os livros, dizendo que aquilo significava uma nova era da cultura alemã. Houve muitas outras queimadas em outras cidades da Alemanha, umas no mesmo dia, outras adiadas por causa da chuva, mas todas ocorreram com o mesmo princípio e importância, sempre em praças públicas para que todos pudessem ver e saberem que a Alemanha estava sendo purificada pela associação estudantil Hitleriana.

No final de 1940 para o começo de 1941, os americanos foram responsáveis por fazerem um das maiores campanhas a favor dos livros, eles queriam combater a censura de culturas literárias da Alemanha em 1933, levando o maior número possível de livros para a guerra, assim deixando seus soldados mais informados e agraciados com os inúmeros benefícios de uma boa leitura.

ALA (Associação dos Bibliotecários Americanos), juntamente com o bibliotecário Trautman, não mediram esforços, conseguindo financiamento com o governo federal, e parcerias com bibliotecários de vários lugares do Estados Unidos. Assim, fundando a NDBC (Campanha Nacional de Defesa do Livro), que mais tarde se tornaria a VBC (Victory Book Campaign) arrecadando mais de 423 mil livros para os soldados em guerra e organizando bibliotecas em quartéis.

Dessa forma pode-se concluir que a história do livro entre o ano de 1933 até meados do início da segunda guerra, foi de suma importância para a humanidade, pois vimos que com um “nascer” de um livro (Mein Kampf), e sua disseminação do ódio e antissemitismo, foi causa das “mortes” de inúmeros outros tantos livros, e da censura de tantos autores o qual foram “ceifados” de levarem



suas ideias e culturas para o povo alemão. E também vimos que foi combatida essa intolerância aos livros, com livros, através da exaustiva campanha dos bibliotecários norte americano em proteger e assegurar a literatura para seus soldados, mostrando que um bom homem se faz com um bom livro.

## REFERÊNCIAS

ANTISSEMITISMO. In: **United States Holocaust Memorial Museum**. Washington: ca. 2014. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005175>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BOOK burning — map. In: **United States Holocaust Memorial Museum**. Washington: ca. 2014. Disponível em: <[https://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_nm.php?ModuleId=10005852&MediaId=3529](https://www.ushmm.org/wlc/en/media_nm.php?ModuleId=10005852&MediaId=3529)>. Acesso em: 01 de dez. 2017.

BOOK Burning — Photograph. In: **United States Holocaust Memorial Museum**. Washington: ca. 2014. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/gallery.php?ModuleId=10005852&MediaType=ph>>. Acesso em: 13 de dez. 2017.

BOOK burning. In: **United States Holocaust Memorial Museum**. Washington: ca. 2014. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005852>>. Acesso em: 24 de nov. 2017.

BOOKS Burn As Goebbels Speaks. In: **United States Holocaust Memorial Museum**. Washington: ca. 2014. Disponível em: <[https://www.ushmm.org/wlc/en/media\\_fi.php?ModuleId=10005852&MediaId=158](https://www.ushmm.org/wlc/en/media_fi.php?ModuleId=10005852&MediaId=158)>. Acesso em: 12 de dez. 2017.

BÜCHER. .In: **bibliothek verbrannte bucher**. ca. 2015. Disponível em: <[http://www.verbrannte-buecher.de/?page\\_id=8](http://www.verbrannte-buecher.de/?page_id=8)>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

BÜCHERVERBRENNUNGEN 1933 in Deutschland – ein Überblick. In: **bibliothek verbrannte bucher**. ca. 2015. Disponível em: <<http://www.verbrannte-buecher.de/>>. Acesso em: 03 de nov. 2017.

FONSECA, Edson Nery. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2016.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010

MANNING, Moly Guptill, **Quando os livros foram a guerra**. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2015.

MORAIS, Edison Andrade Martins; AMBRÓSIO, Ana Paula L. **Ferramentas de busca na internet**. Universidade de Goiás: Goiás, 2007. Disponível em: <[http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF\\_002-07.pdf](http://www.inf.ufg.br/sites/default/files/uploads/relatorios-tecnicos/RT-INF_002-07.pdf)>. Acesso em: 28 de dez. 2017.

NOBREGA-THERRIEN, Maria Braga; THERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e estado da questão: reflexões teórico-metodológicos. **Estudos em Avaliação Educacional**. v. 15, n. 30, jul.-dez.2004. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1203/1203.pdf>>. Acesso em: 28 de dez. 2017.

OVERY, Richard. **As origens da segunda guerra**: a ascensão do eixo e a eclosão do conflito. São Paulo: Folha de São Paulo, 2014.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**: o lado negro da história. São Paulo: Abril, 2014.

The Victory Book Campaign, 1942–1943. In: books for victory. New York: 2012. Disponível em: < <http://www.booksforvictory.com/2012/06/victory-book-campaign-19421943.html>>. Acesso em: 28 de dez. 2017

URWAND, Ben. A colaboração: o pacto entre hollywood e o nazismo. São Paulo: Leya, 2014.

VITKINE, Antonie. **Mein kampf**: a história do livro. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.

ZUSAK, Marcus. A menina que roubava livros. Rio de Janeiro: intrínseca, 2013.

## **ANEXO**

**ANEXO –** Lista de autores e suas obras queimados pelos Nazistas e pelo movimento estudantil hitleriano

Rudolf Abraham - Die Theorie des modernen Sozialismus

Mark Abramowitsch - Hauptprobleme der Soziologie

Alfred Adler (1870 - 1937)

Hermann Adler (1839 - 1911)

Max Adler (1873 - 1937) - alles

Kurt Adler-Löwenstein (1885 - 1932) - Soziologische und schulpolitische Grundfragen, Am anderen Ufer, d.i. der Verlag „Am anderen Ufer“ von Otto Rühle und Alice Rühle-Gerstel, in dem u. a. 1924 die Blätter für sozialistische Erziehung erschienen sowie 1926/27 die Schriftenreihe Schwer erziehbare Kinder

Meir Alberton (1900 - 1947) - Birobidschan, die Judenrepublik

Siegfried Alkan (1858 - 1941)

Bruno Altmann (1878 - 1943) - Vor dem Sozialistengesetz

Martin Andersen-Nexø (1869 - 1954) - Proletariernovellen

Frank Arnau (1894 -1976) - Der geschlossene Ring

Käthe (Kate) Asch (1887 - ?) - Die Lehre Charles Fouriers

Nathan Asch (1902 - 1964) - Der 22. August

Schalom Asch (1880 - 1957) - Onkel Moses, Der elektrische Stuhl

Wladimir Astrow (1885 - 1944) - Illustrierte Geschichte der Russischen Revolution

Raoul Auernheimer (1876 - 1948)

Siegfried Aufhäuser (1884 - 1969) - alles

Julius Bab (1880 - 1955) – alles

Isaak Emmanuilowitsch Babel (1894 - 1941) - Budjonnys Reiterarmee

Michail Alexandrowitsch Bakunin (1814 -1876) - Gott und der Staat sowie weitere Schriften

Angelica Balabanoff (1878 - 1965) - alles

Béla Balázs (1884 - 1949) - Der Geist des Films

Henri Barbusse (1873 - 1935) - 159 Millionen, Die Henker, Ein Mitkämpfer spricht, Das Feuer

Ernst Barlach (1870 - 1938)

Max Barthel (Konrad Uhle) (1893 - 1975) - Die Mühle zum toten Mann

Adolpe Basler (1878 - 1949) - Henry Matisse

- Ludwig Bauer (1876 - 1935) - Morgen wieder Krieg, Die öffentliche Meinung
- Otto Bauer (1881 - 1938) - Die österreichische Revolution, Sozialdemokratie, Religion und Kirche
- Oskar Baum (1883 - 1941)
- Vicki Baum (1888 - 1960) - Stud. Chem. Helene Willfür
- August Bebel (1840 - 1913) - Die Frau und der Sozialismus
- Johannes R. Becher (1891 - 1958) -  $(\text{CHCl}=\text{CH})_3 \text{As}$  (Levisite) oder Der einzig gerechte Krieg, Ein Mensch unserer Zeit
- Max Beer (1864 - 1943) - Allgemeine Geschichte des Sozialismus und der sozialen Kämpfe
- Richard Beer-Hofmann (1866 - 1945) - Der Tod Georgs
- Paul Bekker (1882 - 1937) - Weltgeltung der deutschen Musik
- Walter Benjamin (1892 - 1940)
- Martin Beradt (1881 - 1949) - Schipper an der Front
- Walter Arthur Berendsohn (1884 - 1984)
- Siegfried Bernfeld (1892 - 1953) - Sisyphos oder Die Grenzen der Erziehung
- Georg Bernhard (1875 - 1944)
- Eduard Bernstein (1850 - 1932) - alles
- Fritz (Peretz) Bernstein (1890 - 1971) - Der Antisemitismus als Gruppenerscheinung. Versuch einer Soziologie des Judenhasses
- Günther Birkenfeld (1901 - 1966) - Dritter Hof links
- Grigorij Bjelych (1906 - 1938) - Schkid, die Republik der Strolche
- Franz Blei (1871 - 1942) - Männer und Masken John Bleichy
- Fritz Bley (1853 - 1931) - alles außer Tier- und Jagdgeschichten
- Ernst Bloch (1885 - 1977) - Spuren
- Ivan Bloch (1872 - 1922)
- Anna Bloß (1866 - 1933) - Die Frauenfrage im Licht des Sozialismus
- Wilhelm Bloß (1849 - 1927) - Von der Monarchie zum Volksstaat
- Oscar Blum (1886 - ?) - Russische Köpfe
- Elena Fedorovna Bobinskaja (Helena Bobinska) (1887 - 1968) - Die Rache des Kabunauri
- Hans Boetticher (Ringelnatz) (1883 - 1934)
- Alexander Alexandrowitsch Bogdanow (1873 - 1928)
- Nikolai Bogdanow (1906 - 1972) - Das erste Mädel

Waldemar Bonsels (1880 - 1952) - alles außer Biene Maja, Himmelsvolk, Indienfahrt

Julian Borchardt (1868 - 1932) - Einführung in den wissenschaftlichen Sozialismus

Ber Borochoow (1881 - 1917) - Sozialismus und Zionismus

Otto Brahm (1856 - 1912) - Karl Stauffer-Bern

Felix Braun (1885 - 1973)

Rudolf Braune (1907 - 1932) - Mädchen an der Orga Privat

Josef Braunthal

Bertolt Brecht (1898 - 1956)

Willi Bredel (1901 - 1964) - Maschinenfabrik N&K / Rosenhofstraße

Joseph Breitbach (1903 - 1980) - Rot gegen Rot, Die Wandlung der Susanne Dasseldorf.

Bernard von Brentano (di Tremezzo) (1901 - 1964) - Kapitalismus und schöne Literatur

Hermann Broch (1886 - 1951)

Max Brod (1884 - 1968) - alles außer Tycho Brahe

Ferdinand Bruckner (Theodor Tagger) (1891 - 1958) - Schauspiele

Christa Anita Brück (1899 - 1958) - Schicksale hinter Schreibmaschinen, Ein Mädchen mit Prokura

Rudolf Brunngraber (1901 - 1960) - Karl und das 20. Jahrhundert

Fritz Brupbacher (1874 - 1945) - Marx und Bakunin

N. Bruphacher - Marx und Lenin

Nikolaj Ivanovič Bucharin (1888 - 1938) - Die internationale Lage und die Aufgaben der kommunistischen Internationale. Bericht der Delegation der KPSU (B) beim EKKI an den 15. Parteitag, Hamburg, Berlin, Hoym 1928, 69 S., Programm der Kommunisten (Bolschewiki) Berlin, Rote Fahne 1919, 127 S.

Edgar Rice Burroughs (1875 - 1950)

Elias Canetti (1905 - 1994)

Veza Canetti (1897 - 1963)

Robert Spencer Carr (1909 - 1994) heraus: Wildblühende Jugend

Elisabeth Castonier (1894 - 1975)

Wilhelm Cohnstaedt (1880 - 1937) - Die Agrarfrage

Graf Richard Nikolaus von Coudenhove-Kalergi (1894 - 1972) - alles

Carl Crédé (Credé-Hoerder, Carl; Hoerder, Carl) (1878 - 1952)

Franz Theodor Csokor (1885 - 1969) - Außenseiter der Gesellschaft 1

Heinrich Cunow (1862 - 1936) - Der Ursprung der Religion und des Gottesglaubens, Allgemeine Wirtschaftsgeschichte Bd. 4

Eugene Dabit (1898 - 1936) - Hotel du Nord, Paris

Theodor Dan (1871 - 1947) - Sowjetrußland, wie es wirklich ist – Deutsche Einheit – Deutsche Freiheit – Gedenkbuch zum Verfassungstag 1929

Robert Danneberg (1885 - 1942) - Zehn Jahre neues Wien

Charles Robert Darwin (1809 - 1882)

Maurice Decobra (1885 - 1973)

Günter Dehn (1882 - 1970) - Proletarische Jugend

Julius Deutsch / Gustav Radbruch (1884 - 1968) - Wehrmacht und Sozialdemokratie, Schriften zur Zeit

Otto Deutsch (1891 - 1940) - Das Räderwerk des Roten Betriebes

Karl Diehl (1884 - 1943)

Wilhelm Dittmann (1874 - 1954) - Die Marinejustizmorde 1917

Otto Dix (1891 - 1969) - Der Krieg. 24 Offsetdrucke nach Originalen aus dem Radierwerk, Nierendorf, Berlin 1924, Das Menschenschlachthaus

Alfred Döblin (1878 - 1957) - alles außer Wallenstein

Harry Domela (1904 - 1977) - Der falsche Prinz

John Dos Passos (1896 - 1970) - Dreißig neue Erzähler des neuen Russlands, Dreißig neue deutsche Erzähler, Drei Soldaten, Manhattan Transfer

Drehn - Lohnarbeit und Kapital

Theodore Dreiser (1871 - 1945) - Sowjetrussland

Dr. Robert Drill (1870 - ) - Die neue Jugend

Erich Ebermayer (1900 - 1970) - Die Nacht in Warschau

Gustav Eckstein (1875 - 1916) - Kapitalismus und Sozialismus

Kasimir Edschmid (1890 - 1966) - alles außer Timur, Die 6 Mündungen

Hugo Efferoth (1889 - 1946) - Die Ketzerbibel

Walther Eggert-Windegg (1880 - 1936) - Arme und Reiche

Otto Ehinger (1882-1979) - Die sozialen Ausbeutungssysteme

Ilja Grigorjewitsch Ehrenburg (1891 - 1967) - alles außer Grachus Badoeuf

Albert Ehrenstein (1886 - 1950) - Mein Lied [1900-1931]

Albert Einstein (1879 - 1955) - Relativitätstheorie

Karl Einstein (1885 - 1940)

Kurt Eisner (1867 - 1919) - alles



Harvelock Ellis (1859 - 1939) Fr. von Ellwald

Victor Engelhardt (1848 - 1948) - An der Wende des Zeitalters

Friedrich Engels (1820 - 1895) - Sämtliche Schriften außer: Der deutsche Bauernkrieg, Die Lage der arbeitenden Klasse in England, Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie Englisch

Anton Erkelenz (1878 - 1945) - 10 Jahre deutsche Republik

Eduard Erkes (1891 - 1958) - Wie Gott geschaffen wurde

Hermann Essig (1878 - 1918) Wainwright Evans

Hanns Heinz Ewers (1871 - 1943) - Vampir, Alraune

Walter Fabian (1902 - 1992) - Die Kriegsschuldfrage. Grundsätzliches und Tatsächliches zu ihrer Lösung

Alexander Fadejew (Aleksandr A. Fadeev) (1901 - 1956) - Die Neunzehn

Hans Fallada (1893 - 1947)

Konstantin Fedin (1892 - 1977) - Städte und Jahre

Arthur Feiler (1879 - 1942) - Das Experiment des Bolschewismus

Emil Felden (1874 - 1959) - Eines Menschen Weg

Lion Feuchtwanger (1884 - 1958) - Jud Süß, Erfolg

Vera Figner (1852 - 1942) - Nacht über Rußland

Georg Fink / Kurt Münzer (1879 - 1944) - Die Frau im heutigen Russland, Mich hungert

Ernst Fischer (1899 - 1972) - Krise der Jugend

Louis Fischer (1896 - 1970) - Oelimprialismus

Eugen Fischer-Baling (1881 - 1964) - Die kritischen 39 Tage von Sarajewo bis zum Weltbrand, Volksgericht, die deutsche Revolution von 1918

Marieluise Fleißer (1901 - 1974) - Mehltreisende Frieda Geier

Friedrich Wilhelm Förster (1869 - 1966) - alles

Ernst Fraenkel (1898 - 1975) - Soziologie der Klassenjustiz

Bruno Frank (1887 - 1945) - Erzählungen

Leonhard Frank (1882 - 1961) - alles außer Räuberbande, Ochsenfurter Männerquartett

Anna Freud (1895 - 1982)

Sigmund Freud (1856 - 1939) - Die Traumdeutung

Alexander Moritz Frey (1881 - 1957) - Pflasterkästen

Arnold Freymuth (1872 - 1933) - Sozialdemokratie und Berufsbeamtentum

Theodor Fricke - Geschichte des Protestantismus in Preußen

Alfred Hermann Fried (1864 - 1921) - Handbuch der Friedensbewegung

Egon Friedell (1878 - 1938)

Richard Friedenthal (1896 - 1979)

Salomo Friedländer (1871 - 1946) - Kant für Kinder

Max Jakob Friedländer (1867 - 1958) - Die Radierung

Paul Frischhauer (1898 - 1977)

Eduard Fuchs (1870 - 1940) - Illustrierte Sittengeschichte vom Mittelalter bis zur Gegenwart

René Fülöp Miller (1891 - 1963)

Ferdinando Galiani (1728 - 1787) - die Dialoge des Abbé Galiani

Rudolf Geist (1900 - 1957) - Der anonyme Krieg

Hellmut von Gerlach (1866 - 1935) - Die große Zeit der Lüge

Giovanni Germanetto (1885 - 1959) - Genosse Kupferbart

André Gide (1869 - 1951) - Kongo und Tschad

Fjodor Gladkow (1883 - 1958) - Zement

Ernst Glaeser (1902 - 1963) - Jahrgang 1902

Georg K. Glaser (1910 - 1995) - Schluckebier

Han(n)s Gobsch (1883 - 1957) - Wahn-Europa 1934 W. Goetz

Michael Gold (Itzok Isaac Granich) (1894 - 1964) - Juden ohne Geld

Alfons Goldschmidt (1879 - 1940) - Auf den Spuren der Azteken, Deutschland heute

Claire Goll (1890 - 1977)

Iwan Goll (1891 - 1950) - Der Mitropäer

Maxim Gorki (Alexej Maximowitsch Peschkow) (1868 - 1936) - Der Spitzel, Märchen d. Wirklichkeit, Eine Beichte, Wie ein Mensch geboren ward, Das blaue Leben, Wanderer in den Morgen

Georg Engelbert Graf (1881 - 1952) - alles

Oskar Maria Graf (1894 - 1967) - alles außer Wunderbare Menschen, Kalendergeschichten

Erich Grisar (1898 - 1955) - Mit Kamera und Schreibmaschine durch Europa

Will Grohmann (1887 - 1968) - Friedrich Karl Gotsch

George Grosz (Georg Ehrenfried Groß) (1893 - 1959) - alles

Karl Grünberg (1891 - 1972) - Brennende Ruhr

Emil Julius Gumbel (1891 - 1966) - alles

Martin Gumpert (1897 - 1955)

Willy Haas (1891 - 1973)

Hans Habe (1911 - 1977)

Paul von Haben

Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834 - 1919)

Paul Hahn (1883 - 1952) - Erinnerungen aus der Revolution in Württemberg

Fritz Hampel (Slang) (1895 - 1932)

Ferdinand Hardekopf (1876 - 1954)

Maximilian Harden (1861 - 1927) - Köpfe

Jakob Haringer (1898 - 1948)

Jaroslav Hasek (1883 - 1923) - Die Abenteuer des braven Soldaten Schwejk während des Weltkrieges

Walter Hasenclever (1890 - 1940) - Stücke, Der Sohn

Raoul Hausmann (1886 - 1971)

John Heartfield (1891 - 1968)

Werner Hegemann (1881 - 1936) - Sittenspiegel (Bd. 1–2), Das steinerne Berlin

Ernst Heilborn (1867 - 1942) - Die kupferne Stadt

Eduard Heimann (1889 - 1967) - Kapitalismus und Sozialismus, Sozialistische Wirtschafts- und Arbeitsordnung

Heinrich Heine (1797 - 1856) Heinrichsen

Otto Heller (1897 - 1945) - Der Untergang des Judentums

Ernest Hemingway (1899 - 1961) - In einem anderen Land Hensel

Georg Hermann (1871 - 1943) - Kubinke, Schnee, Die Nacht des Dr. Herzfeld, Grenadier Wordelmann

Gertrud Hermes (1872 - 1942) - Die geistige Gestalt des marxistischen Arbeiters und die Arbeiterbildungsfrage

Max Herrmann (Max Hermann-Neiße) (1886 - 1941) – Die Begegnung

Wieland Herzfelde (1896 - 1988) - Die Kunst ist in Gefahr.

Franz Hessel (1880 - 1941)

Theodor Heuss (1884-1963) - Führer aus deutscher Not, Hitlers Weg

Stefan Heym (1913 - 2001)

Friedrich Heymann (1897 - 1944)

Rudolf Hilferding (1877 - 1941) - Das Finanzkapital, Die Schicksalsstunde der deutschen Wirtschaftspolitik

Morris Hillquit (1869 - 1933) - Der Sozialismus

Karl Jakob Hirsch (1892 - 1952) - Kaiserwetter

Leo Hirsch (1903 - 1943) - Vorbestraft

Georg Hirschfeld (1873 - 1942)

Magnus Hirschfeld (1868 - 1935) - Sexualerziehung

Martin Hobohm (1883 - 1942) - Untersuchungsausschuss, Dolchstoßlegende

Paul Oskar Höcker (1865 - 1944)

Max Hodann (1894 - 1946) - Geschlecht und Liebe

Jakob van Hoddiss (Hans Davidsohn) (1887 - 1942)

Max Hoelz (1889 - 1933) - alles

Josef Hofbauer (1886 - 1948) - Der Marsch ins Chaos, Im roten Wien

Camill Hoffmann (1878 - 1944)

Richard Hoffmann (1894 - 1943) - Frontsoldaten

Arthur Holitscher (1869 - 1941) - Drei Monate in Sowjet-Russland, Narrenbaedeker Hollaender

Arnold Höllriegel (Richard Arnold Bermann) (1883 - 1939) - Die Derwischtrommel

Ödön von Horváth (1901 - 1938)

Albert Hotopp (1886 - 1942) - Fischkutter H.F.13

Richard Huelsenbeck (1892 - 1974)

Elias Hurwicz (1884 - 1973) - Geschichte der jüngsten russischen Revolution, Kamerad im Westen

Herbert Ihering (1888 - 1977) - Der Kampf ums Theater

Ilja Arnoldowitsch Ilf (1897 - 1937) - 12 Stühle

Béla Illés (1895 - 1974)

Wilhelm Ilgenstein (1872 - 1959) - Die religiöse Gedankenwelt des Sozialismus

Vera Inber (1890 - 1972) - Der Platz an der Sonne

Wsewolod Iwanow (Vsewolod V. Iwanow) (1895 - 1963) - Der Buchstabe "G"

Heinrich Eduard Jacob (1889 - 1967) - Blut und Zelluloid

Siegfried Jacobsohn (1881 - 1926) Timo Jaeschen

Hans Henny Jahnn (1894 - 1959) Albert Janel

Georg Jellinek (1851 - 1911)

Oskar Jellinek (1886 - 1949) Jiff Bela Jiles

Ernst Johannsen (1898 - 1977) - Vier von der Infanterie

Marie Juchacz (1879 - 1956) - Arbeitswohlfahrt

Aron Jugow - Fünfjahresplan, Die Volkswirtschaft der Sowjetunion

Franz Jung (1888 - 1963) - Die rote Woche

Erich Kästner (1899 - 1974) - alles außer Emil

Franz Kafka (1883 - 1924) - Beim Bau der Chinesischen Mauer

Georg Kaiser (1878 - 1945) - Schauspiele

Mascha Kaleko (1907 - 1975)

Josef Kallinikow (1890 - 1934)

Paul Kampffmeyer (1864 - 1945) - Vor dem Sozialistengesetz, Geschichte der modernen Gesellschaftsklassen in Deutschland

Otto Felix Kanitz (1894 - 1940) - Kämpfer der Zukunft

Alfred Kantorowicz (1899 - 1979)

Hermann U. Kantorowicz (1877 - 1940) - Der Geist der Englischen Politik und die Legende von der Einkreisung Deutschlands

Valentin Katajew (1897 - 1986) - Die Defraudanten

Richard Katz (1888 - 1968)

Gina Kaus (1893 - 1985) - Morgen um Neun

Karl Kautsky (1854 - 1938) - alles außer Der Bolschewismus in der Sackgasse

Benedikt Kautsky (1894 - 1960)

Karl Kautsky (1854 - 1938) - Karl Marx's oekonomische Lehren. gemeinverständlich dargestellt und erläutert, Stuttgart 1887, 259 S.

Siegfried Kawerau (1886 - 1936) - alles

Helen Keller (1880 - 1969)

Bernhard Kellermann (1879 - 1951) - Der 9. November

Hans Kelsen (1881 - 1973)

Kurt Kerlów-Löwenstein (1895 - 1939) - Das Kind als Träger der werdenden Gesellschaft

Alfred Kerr (1867 - 1948) - alles

Kurt Kersten (Georg Forster) (1891 - 1962) - Bismarck und seine Zeit

Franz Kessel

Hermann Kesten (1900 - 1996) - Josef sucht die Freiheit

Irmgard Keun (1905 - 1982) - Das kunstseidene Mädchen

Egon Erwin Kisch (1885 - 1948) - alles

Klabund (1890 - 1928)

Kurt Kläber (Kurt Held) (1897 - 1959) - Passagiere der 3. Klasse

Alfred Kleinberg (1881 - 1939) - Die europäische Kultur der Neuzeit, Die deutsche Dichtung in ihren sozialen, zeit- und geistesgeschichtlichen Bedingungen, Die deutsche Dichtung in ihren sozialen, zeit- und geistesgeschichtlichen Bedingungen

Erich Knauf (1895 - 1944) - Empörung und Gestaltung (gemeint ist: Empörung und Gestaltung – Künstlerprofile von Daumier bis Kollwitz), Daumier („Daumier selbst bleibt in den Büchereien“)

Franz Kobler (Hrsg.) - Gewalt und Gewaltlosigkeit. Handbuch des aktiven Pazifismus

Normann Köber - Das Bild vom Menschen

Alma Johanna Koenig verh. von Ehrenfels (Johannes Herdan) (1887 - 1942)

Edlef Koeppen (1893 - 1939) - Heeresbericht

Lenka (Helene) von Koerber (1888 - 1958) - Menschen im Zuchthaus

Lili Körber (Agnes Muth) (1897 - 1982) - Eine Frau erlebt den roten Alltag

Arthur Koestler (1905 - 1983)

Annette Kolb (1870 - 1967)

F. Kolber - Gewalt und Gewaltlosigkeit

Alexandra Kollontai (1872 - 1952) - Das Frauenbild der A. Kollontai, Wege der Liebe

Gertrud Kolmar (1894 - 1943)

Karl Korn (1908 - 1991) - Marxismus und Philosophie

Paul Kornfeld (1889 - 1942)

Julius Korngold (1860 - 1945) - Deutsches Opernschaffen der Gegenwart

Karl Korsch (1886 - 1961) - Marxismus und Philosophie

Siegfried Kracauer (1889 - 1966) - Die Angestellten. Aus dem neuesten Deutschland, Ginster - von ihm selbst geschrieben

Theodor Kramer (1897 - 1958)

Karl Kraus (1874 - 1936) Die letzten Tage der Menschheit

Michael Krischanowski - Die Planwirtschaftsarbeit in der Sowjetunion

Paul Krische (1878 - 1956) - alles (Freidenkerverlag)

Adam Kuckhoff (1887 - 1943)

Alfred Kurella (Bernhard Ziegler, Viktor Röbig, A. Bernard) (1895 - 1975) - Mussolini ohne Maske

Heinrich Kurtzig (Bogumil Curtius) (1865 - 1946) - Dorfjuden

Michael Alexejewitsch Kusmin (1875 - 1936)

Stefan Lackner (1910 - 2000)

Peter Martin Lampel (1894 - 1965) - nur: Verratene Jungen, Revolte im Erziehungsheim

Wilhelm Lamszus (1881 - 1965) - Das Menschenschlachthaus

Gustav Landauer (1870 - 1919) - Aufruf zum Sozialismus / Revolution

Arthur Hermann Landsberger (Hrsg.) (1876 - 1933) - Das Volk des Ghetto

Leo Lania (1896 - 1961) - Außenseiter der Gesellschaft 2

Berta Lask (1878 - 1967) - Leuna 1921

Else Lasker-Schüler (1869 - 1945)

Ferdinand Lassale (1825 - 1864) - alles außer Assisenreden, Über den besonderen Zusammenhang der gegenwärtigen Geschichtsperiode mit der Idee des Arbeiterstandes

Andreas Latzko (1876 - 1953) - Menschen im Krieg

Sofie Lazarsfeld (1882 - 1976) - Wie die Frau den Mann erlebt

Joe Lederer (1907 - 1987)

Eva Leidmann (? - 1938)

Maria Leitner (1882 - 1942) - Hotel Amerika

Vladimir Iljic Lenin (1870 - 1924) - alles außer Der Radikalismus die Kinderkrankheit des Kommunismus, Die Revolution von 1917

Leonid M. Leonow (1899 - 1994) - Aufbau

Franz Lepinski (1896 - 1977) - Die jungsozialistische Bewegung

Paul Leppin (1878 - 1945) - Venus auf Abwegen

Alexander Lernet-Holenia (1897 - 1976) - Ich war Jack Mortimer

Theodor Lessing (1892 - 1933) - Haarmann, Der jüdische Selbsthass

Eugen Leviné (1883 - 1919) - Malik-Bücherei

Levi Lewinstein auch Louis Lewin (1848 - 1929) - Phantastica – Die betäubenden und anregenden Genussmittel

Fanny Lewald (1811 - 1889) - Prinz Louis Ferdinand

Richard Lewinsohn (Morus) (1894 - 1968)

Ludwig Lewisohn (1882 - 1955) - Das Erbe im Blut Lhatzko

Jurij Nikolaevic Libedinsky (1898 - 1959) - Eine Woche

Henri Lichtenberger (1864 - 1941) - Deutschland und Frankreich

Wladimir Germanowitsch Lidin (W. G. Gomborg) (1894 - 1979) - Der Abtrünnige

Arthur Liebert (1878 - 1946) - Vom Geist der Revolutionen

Karl Liebknecht (1871 - 1919) - Klassenkampf gegen den Krieg, Reden und Aufsätze, Militarismus und Anti-Militarismus, Studien über die Bewegungsgesetze der gesellschaftlichen Entwicklung, Briefe aus dem Felde, aus der Untersuchungshaft und aus dem Zuchthaus. Unter Mitarb. d. Frau Karl Liebknechts hrsg. von Franz Pfemfert, Berlin-Wilmersdorf, Verlag der Wochenschrift ‚Die Aktion‘ 1920, 138 S. mit Abb., Politische Aufzeichnungen aus dem Nachlaß. Geschrieben in den Jahren 1917–1918. Unter Mitarb. von Sophie Liebknecht mit einem Vorwort und mit Anm. versehen von Franz Pfemfert, Berlin-Wilmersdorf, Verlag der Wochenschrift ‚Die Aktion‘ 1921

Wilhelm Liebknecht (1826 - 1900) - W. Liebknechts Volks-Fremdwörterbuch

Heinz Liepmann (Jens C. Nielsen) (1905 - 1966) - Der Frieden brach aus

Otto Linck (1892 - 1985) - Kameraden im Schicksal

Anna Lindemann (1892 - 1959) - Was wollen die proletarischen Freidenker?

Benjamin Barr Lindsey (1869 - 1943) - Kameradschaftsehe, Revolution der modernen Jugend

Hilde Gudilla Lion (1893 - 1970) - Die Sozialdemokratie

Richard Lipinski (1867 - 1936)

Kurt Löwenstein (1885 - 1939) - alles

Hubertus Prinz zu Löwenstein-Wertheim-Freudenberg (1906 - 1984)

Jack London (1876 - 1916) - Martin Eden, Zwangsjacke, Eiserne Ferse

Albert Londres (1884 - 1932) - Der ewige Jude am Ziel

Ernst Lothar (1890 - 1974)

Alfred Lowitsch - Energie, Planwirtschaft, Sozialismus

Emil Ludwig (1881 - 1948) - alles

Max Ludwig (1873 - 1940) - Der Statthalter

György Lukács (1885 - 1971) - Geschichte und Klassenbewusstsein. Studien über marxistische Dialektik

Anatoli Lunatscharski (1875 - 1933) - Kulturaufgaben der Arbeiterklasse. Allgemeine Kultur und Klassenkultur, Berlin, Die Aktion 1919, Der befreite Don Quichote

Rosa Luxemburg (1871 – 1919) – alles Machardt

Wladimir Majakowski (1893 - 1930) - Malik-Bücherei



Andre Malraux (1901 - 1976)

Hendrik de Man (1885 - 1953) - alles außer Der Kampf um die Arbeitsfreude

Erika Mann (1905 - 1969)

Heinrich Mann (1871 - 1950) - außer Flöten und Dolche

Klaus Mann (1906 - 1949) - Der fromme Tanz

Thomas Mann (1875 - 1955) - Von deutscher Republik, Deutsche Aussprache

Lu Märten (Louise Charlotte Märten) (1879 - 1970) - Historisch-Materialistisches über Wesen und Veränderung der Künste Berlin, Junge Garde [1921], 67 S. (= Internationale Jugendbibliothek, Band 15], Marxistische Studien

Hans Marchwitza (1890 - 1965) - Sturm auf Essen

Siegfried Marck (1889 - 1957) - alles

Valeriu Marcu (1899 - 1943) - Schatten der Geschichte

Ludwig Marcuse (1894 - 1971) - Heinrich Heine. Leben zwischen gestern und heute Margueritte

Karl Marx (1818 - 1883) - alles

Frans Masereel (1889 - 1972) - Bilder aus der Großstadt

Theo Mayer - Feier und Feierstunden freidenkender Menschen

Franz Mehring (1846 - 1919) - alles

Walter Mehring (1896 - 1981) - Arche Noah SOS

Ludwig Meidner (1884 - 1966)

Erich Mendelsohn (1887 - 1953)

Carl Mennicke (1887 - 1959) - Der Sozialismus

Friedrich Merckenschlager (1892 - 1968) - Götter, Helden und Günther

Konrad Merz (1908 - 1999)

Victor Meyer-Eckhard (1889 - 1952) - Das Vergehen des Paul Wendelin

Gustav Meyrink (Gustav Meyer) (1868 - 1932) - Des deutschen Spießers Wunderhorn, Der Golem

Friedrich Michael (1892 - 1986) - Die gut empfohlene Frau

Max Mohr (1891 - 1937)

Franz Molnár (1878 - 1952) - Liliom

Morus (Richard Lewinsohn) (1894 - 1968)

Herrmann Mostar (1901 - 1973)

Erich Mühsam (1878 - 1934) - Gedichte, Politische Schriften

Hermann Mueller-Franken (1876 - 1931) - Die November-Revolution

Müller-Lhyer

Willi Münzenberg (1889 - 1940) - Die dritte Front

Robert Musil (1880 - 1942)

Fritz Naphtali (1888 - 1961) - Wirtschaftsdemokratie

Hans Natonek (1892 - 1963)

Pietro Nenni (1891 - 1980) - Todeskampf der Freiheit. [Originaltitel: Six ans de guerre civile en Italie]. Berlin, Dietz 1930, 188 S.

Klaus Neukrantz (1897 - ca.1943) - Barrikaden am Wedding

Alfred Neumann (1895 - 1952) - Der Held

Robert Neumann (1897 - 1975) - alles außer Mit fremden Federn

Alexander Newerow (1886 - 1923) - Taschkent, die brotreiche Stadt

Max Nitsche - alles (durch die DSt von der Liste gestrichen)

Francesco Saverio Nitti (1868 - 1953) - Bolschewismus, Faschismus und Demokratie

Erik Noelting (1892 - 1953) - Einführung in die Theorie der Volkswirtschaft

Gustav Noske (1868 - 1946) - Von Kiel bis Kapp

Paul Oestreich (1878 - 1959) - alles

Nikolai Ognjew (1888 - 1938) - Kostja Rjabzew

Oda Olberg (Oda Olberg-Lerda) (1872 - 1955) - Briefe aus Sowjetrußland, Der Faschismus in Italien, Die Entartung in ihrer Kulturbedingtheit

Iwan Olbracht (1882 - 1952) - Anna, das Mädchen vom Lande

Balder Olden (1882 - 1949) - Paradiese des Teufels

Rudolf Olden (1885 - 1940) Oppenheim

Franz Oppenheimer (1864 - 1943) - Die soziale Frage, Das Grundgesetz der marxistischen Gesellschaft, Der Staat

Carl von Ossietzky (1889 - 1938)

Hans Ostwald (1873 - 1940) - Lieder aus dem Rinnstein

Karl Otten (1889 - 1963) - Außenseiter der Gesellschaft 2

Berthold Otto (1859 - 1933) - Mammonismus, Militarismus, Krieg und Frieden

Ernst Ottwald (1901 - 1943) - Ruhe und Ordnung

Fedor Panferow (1896 - 1960) - Die Kommune der Habenichtse

Anton Pannekoek (1873 - 1960) - Marxismus und Darwinismus

Panserow

Leonid A. Pantelejew (1908 - 1989) - Schkid, die Republik der Strolche Parmedée

Konstantin Alexejewitsch Pashitnow (1879 - 1937) - Die Lage der arbeitenden Klassen

Hertha Pauli (1909 - 1973)

Max Pechstein (1881 - 1955)

Leo Perutz (1884 - 1957)

Evgenij Petrow (1903 - 1942)

Franz Pfemfert (1879 - 1954)

Paul Piechowsky (1892 - 1966) - Proletarischer Glaube

Kurt Pinthus (1886 - 1975)

Erwin Piscator (1893 - 1966) - Das Politische Theater

Pittigrilli (Segre, Dino) (1883 - 1975)

Osip Aronovic Pjatnickij (Ossip Aronowitsch Pjatnizki) (1882 - 1938) - Aufzeichnungen eines Bolschewiks, Erinnerungen aus den Jahren 1896 – 1917.

Theodor Plivier (1892 - 1955) - Des Kaisers Kulis, Der Kaiser ging, die Generäle blieben

Gerhart Pohl (1902 - 1966) - Vormarsch ins 20. Jahrhundert

Alfred Polgar (1873 - 1955) - Bei dieser Gelegenheit

Adelheid Popp (1869 - 1939) - Der Weg zur Höhe

Hugo Preuss (1860 - 1925) - Verfassungspolitische Entwicklungen in Deutschland und Westeuropa. Historische Grundlegung zu einem Staatsrecht der Deutschen Republik. Aus dem Nachlaß von Dr. Hugo Preuß (ehem. Reichsminister), hrsg. und eingel. von Hedwig Hintze, Berlin, Heymann 1927, 487 S.

Marcel Proust (1871 - 1922)

Gustav Radbruch (1878 - 1949) - Kulturlehre des Sozialismus, Schriften zur Zeit

Walther Rathenau (1867 - 1922) - Der neue Staat.\*\* Berlin, Fischer 1922, 73 S., Zur Kritik der Zeit

Friedrich Reck-Malleczewen (1884 - 1954)

John Reed (1887 - 1920) - Zehn Tage, die die Welt erschütterten. Mit e. Vorw. von Egon Erwin Kisch, Wien, Verlag für Literatur und Politik 1927, XXIII, 345 S., Deutsche Revolution, Eine Sammlung zeitgen. Schriften

Erik Reger (Hermann Dannenberger) (1893 - 1954) - Union der festen Hand

Gustav Regler (1898 - 1963) - Wasser, Brot und blaue Bohnen

Wilhelm Reich (1897 - 1957) - Massenpsychologie des Faschismus

Larissa Reissner (1895 - 1926) - Oktober

Erich Maria Remarque (1898 - 1970) - Im Westen nichts Neues

Remmele

Ludwig Renn (1889 - 1979) - Nachkrieg

Karl Renner (1870 - 1950) - Der geistige Arbeiter in der gegenwärtigen Gesellschaft, Die Wirtschaft als Gesamtprozess..., Marxismus, Krieg und Internationale

Joachim Ringelnatz (Hans Boetticher) (1883 - 1934) - Kuttel Daddeldu

Alexander Roda-Roda (1872 - 1945) Iwan A. Rodionow

Romain Rolland (1866 - 1944) - Die in den Kerkern Mussolinis starben

Eduard Rosenbaum (1887-1979) - Ferdinand Lassalle

Arthur Rosenberg (1889 - 1943) - Die Entstehung der deutschen Republik 1871 – 1918. Berlin, Rowohlt 1928, 283 S.

Eugen Roth (1895 - 1976) - Die Dinge, die unendlich uns umkreisen

Joseph Roth (1894 - 1939) - Juden auf Wanderschaft, Hiob

Frida Rubiner (1879 - 1952) - Der große Strom

Ludwig Rubiner (1881 - 1920)

Otto Rühle (1874 - 1943) - alles

Alice Rühle-Gerstel (1894 - 1943) - Der Weg zum Wir

Arthur Rümman (1888 - 1963)

Nelly Sachs (1891 - 1970)

Hans Sahl (1902 - 1993)

Felix Salten (1868/69 - 1945) - Neue Menschen auf alter Erde

Margaret Higgins Sanger (1879 - 1966)

Rahel Sanzara (Johanna Bleschke) (1894 - 1936) - Das verlorene Kind

Albrecht Carl Schaeffer (1885 - 1950) - Elli oder die sieben Treppen

Julius Schäffer (1882 - 1944) - Die Zerstörung des Volksgedankens durch den Rassenwahn Schalit

Alexander Schapowalow (1871 - 1942) - Auf dem Weg zum Marxismus

Adam Scharrer (1889 - 1948)

Johannes Scherr (1817 - 1886)

René Schickele (1883 - 1940)

Fritz Schiff (1889 - 1940) - Die großen Illusionen der Menschheit

Viktor Schiff (1895 - 1953) - So war es in Versailles

Alfred Schirokauer (1880 - 1934)

Paul Ferdinand Schmidt (1878 - 1954) - Alfred Kubin

Arthur Schnitzler (1862 - 1931) - alles außer Der Weg ins Freie

Paul von Schoenaich (1866 - 1954) - alles

Michail Alexandrowitsch Scholochow (1905 - 1984)

August Scholtis (1901 - 1969) - Ostwind

Thomas Schramek (1881 - 1932) - Außenseiter der Gesellschaft 1

Karl Schroeder (1884 - 1950) - Familie Markert

Bruno Schulz (1892 - 1942)

Schlump Emil Schulz, Geschichten und Abenteuer aus dem Leben des unbekannten Musketiers Emil Schulz, genannt Schlump, von ihm selbst erzählt Alvin Schwartz

Leopold Schwarzschild (1891 - 1950)

Kurt Schwitters (1887 - 1948)

Gerhart H. Seger (1896 - 1967) - Arbeiterschaft und Pazifismus

Anna Seghers (1900 - 1983) - Auf dem Weg zur amerikanischen Botschaft und andere Erzählungen, Der Aufstand der Fischer von St. Barbara

Lydia Seifullina (Lidija) (1889 - 1954) - alles außer Der Ausreißer

Alexander Serafimowitsch (1863 - 1949) - Der eiserne Strom

Walter Serner (1889 - 1942)

Carl Severing (1875 - 1952) - 1919/1920 im Wetter und Watterwinkel

Carlo Sforza (1872 - 1952) - Gestalten und Gestalter des neuen Europa – Die europäischen Diktaturen

Anna Siemsen (Friedrich Mark) (1882 - 1951) - Politische Kunst und Kunstpolitik, Berlin 1927, Literarische Streifzüge durch die Entwicklung der europäischen Geschichte. Jena, Thüringische Verlagsanstalt 1925, 285 S., Beruf und Erziehung

Hans Siemsen (1891 - 1961)

Ignazio Silone (1900 - 1978)

Georg Simmel (1858 - 1918) - Kant und Goethe

Upton Sinclair (1878 - 1968) außer: Boston, Jimmy Hibbins, 100%, Petroleum, Sumpf

Grigori Jewsejewitsch Sinowjew (1883 - 1936) - Die Geschichte der kommunistischen Partei Rußlands

Slang (Fritz Hampel) (1895 - 1932) - Panzerkreuzer Potemkin / Rote Signale

Alexander Sleprow - Illustrierte Geschichte der Russischen Revolution

Agnes Smedley (1892 - 1950) - Eine Frau allein

Hans Sochaczewer (José Orabuena) (1892 - 1978) - Sonntag und Montag

Fjodor Sologub (1863 - 1927)

Bruno Sommer - Geschichte der Religionen (Bd. 1–2), Die Bibel

Michail Michajilovic Sostschenko (Zoscenko) (1895 - 1958) - Teterkin bestellt einen Aeroplan

Wilhelm Speyer (1887 - 1952)

Hilde Spiel (1911 - 1990)

Heinrich Spiero (1876 - 1947) - Deutsche Balladen

Jossif W. Stalin (1879 - 1953) - Auf dem Weg zum Oktober, Lenin und der Leninismus. Wien, Verlag für Literatur und Politik 1924, 164 S.

Willy Steiger - Schulfeiern im Geiste lebendiger Jugend

Rudolf Steiner (1861 - 1925)

Alexander von Stenbock-Fermor (1902 - 1972) - Deutschland von unten

Fritz Sternberg (1895 - 1963) - Der Imperialismus, Der Niedergang des deutschen Kapitalismus

Leo Sternberg (1876 - 1937) - Von Freude Frauen sind genannt

Carl Sternheim (1878 - 1942) - Aus dem bürgerlichen Heldenleben. Dramen

Fritz Stier-Somlo (1873 - 1932) - alles außer den kommunalpolitischen Schriften

Helene Stoecker (1869 - 1943) - Geschlechterpsychologie und Krieg u.a. Schriften

Alfred Striemer 1879 - ?) - Zur Kritik der freien Wirtschaft

Heinrich Ströbel (1869 - 1944) - Steuerschande und Wirtschaftstrug

Otto Suhr (1894 - 1957) - Die Welt der Wirtschaft vom Standort des Arbeiters. Eine Einführung in das Verständnis des kapitalistischen Wirtschaftsgebäudes und eine Anleitung zur Beobachtung des kapitalistischen Wirtschaftslebens. Jena, Verlag Gewerkschaftsarchiv 1926. 191 S. (= Gewerkschaftsarchiv-Bücherei, Band 4)

Bertha von Suttner (1843 - 1914) - Die Waffen nieder

Theodor Tagger (Ferdinand Bruckner) (1891 - 1958)

Alexander Tarassoff-Rodionoff (Aleksandr Tarasov-Rodionov) (1885 - 1938) - Schokolade

Gabriele Tergit (Elise Reifenberg) (1894 - 1982) - Käsebier erobert den Kurfürstendamm

Lisa Tetzner (1894 - 1963) - Hans Urian

Adrienne Thomas (1897 - 1980) außer: Katrin wird Soldat

Theodor Tichauer - Soziale Bildung

Paul Tillich (1886 - 1965) - Die sozialistische Entscheidung. Potsdam, Protte 1933, 201 S.

Sunao Tokunaga (1899 - 1958) - Die Straße ohne Sonne

Ernst Toller (1893 - 1939) - Justiz. Erlebnisse, Berlin, Laub 1927, 146 S., Vormorgen / Justiz, Quer durch

Friedrich Torberg (1908 - 1979)

Bruno Traven (1882 - 1969) - Regierung, Der Karren, Totenschiff

Sergej Tretjakow (1892 - 1937) - Deng Schi-chua

Walter Trier (1890 - 1951)

Leo Trotzki (1879 - 1940) – alles

Karl Tschuppik (1876- 1937) - Ludendorff

Kurt Tucholsky (1890 - 1935) - Deutschland, Deutschland über alles, Lerne lachen ohne zu weinen

Werner Türk (1901 - ?) - Konfektion

Ludwig Turek (1878 - 1975) - Ein Prolet erzählt

Bodo Uhse (1904 - 1963)

Arnold Ulitz (1888 - 1971) - Ararat, Worbs, Testament

Sigrid Undset (1882 - 1949)

Fritz von Unruh (1885 - 1970) - alles außer Offiziere, Louis Ferdinand

Rudolf Urbantschitsch (1879 - 1964) - (z. B.) Die Probeehe

Johannes Urzidil (1896 - 1970)

Karel Vanek (Hermann Leupold) (1900 - 1967)

Theodoor Hendrik van de Velde (1873 - 1937) - Die Abneigung in der Ehe

Berthold Viertel (1885 - 1953)

Heinrich Vogeler (1872 - 1942) - Die Geburt des neuen Menschen

Karl Vorländer (1860 - 1928) - Kant, Fichte, Hegel und der Sozialismus. Berlin, Cassirer 1920, 105 S.

Jakob Wassermann (1873 - 1934) außer Gänsemännchen, Juden von Zirndorf, Casper Hauser, Fränk. Erzählungen, Deutsche Charaktere und Begebenheiten Wauclaire

Frank Wedekind (1864 - 1918) - Erdgeist, Feuerwerk

Alex Wedding (Grete Weiskopf) (1905 - 1966) - Ede und Unku

Arnim T. Wegner (Johannes Selbtritt, Ömer-Tarik, Klaus Uhlen) (1886 - 1978) - Fünf Finger über Dir, Wehrlos hinter der Front

Claus Wehberg - Die Führer der deutschen Friedensbewegung, Grundprobleme des Völkerbundes

Erich Weinert (1890 - 1953) - Erich Weinert spricht

Otto Weininger (1880 - 1903) - Geschlecht und Charakter

Franz Carl Weiskopf (1900 - 1955) - Das Slawenlied

Ernst Weiss (1882 - 1940) - Boëtius von Orlamünde

Friedrich Weiss - Politisches Handbuch

Paul Weisengrün (1868 - 1923) - Marxismus

Eduard Weitsch (1883 - 1955) - Zahlen, die uns angehen

Herbert George Wells (1866 - 1946) - Die Geschichte unserer Welt., Grundlinien der Weltgeschichte, Wie würde ein neuer Krieg aussehen?, Untersuchung, eingel. von der Interparlamentären Union

Franz Werfel (1890 - 1945) - alles außer Tod des Kleinbürgers, Barbara, Verdi

Paul Westheim (1886 - 1963) - Für und wider

Ludwig Winder (1889 - 1946) - Die jüdische Orgel

Eugen Gottlob Winkler (1912 - 1936)

Karl August Wittfogel (1896 - 1988) - alles außer Das erwachende China

(Theodor) Oskar Wöhrle (1890 - 1946) - Querschläger

Gertrud Woker (1878-1968) - Der kommende Gift- und Brandkrieg und seine Auswirkungen gegenüber der Zivilbevölkerung

Julius Wolf (1862 - 1937)

Friedrich Wolf (1888 - 1953) - Stücke

Theodor Wolff (1868 - 1943) - Vollendete Tatsachen

Wilhelm Wolff (1809 - 1864) - Gesammelte Schriften

Willi Wolfradt (1892 - 1959) - Das Menschenschlachthaus

Paul Zech (1881 - 1946)

Clara Zetkin (1857 - 1933) - Schriften, Um Rosa Luxemburgs Stellung zur russische Revolution

August Ziegler - Schwurzeugen des Antisemitismus?

Heinrich Zille (1858 - 1929)

Max Zimmering (1909 - 1973)

Émile Zola (1840 - 1902)

Carl Zuckmayer (1896 - 1977)

Hermynia Zur Mühlen (1883 - 1951) - Ende und Anfang

Arnold Zweig (1887 - 1968) - Die Bestie

Stefan Zweig (1881 - 1942) - Der Kampf mit dem Dämon. Hölderlin, Kleist, Nietzsche, Leipzig, Insel-Verlag 1925, 321 S., Drei Dichter ihres Lebens. Casanova, Stendhal, Tolstoi, Caliban oder Politik und Leidenschaft, Der Streit um den Sergeanten Grischa, Verwirrung der Gefühle